

A vida e obra de Jules Verne desde a óptica Ibero-americana

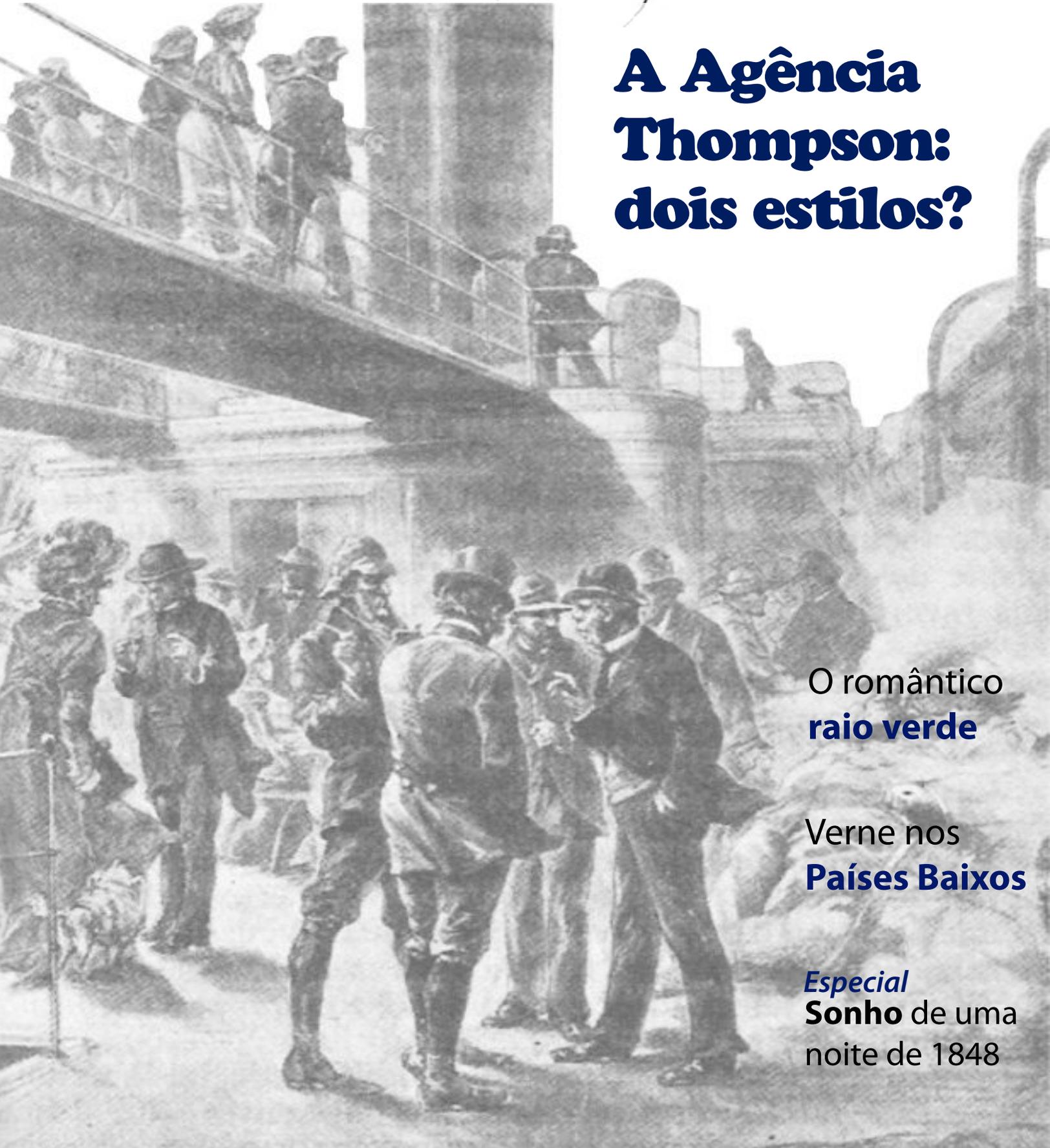
Mundo *Verne*

Número 7

Setembro - Outubro de 2008

Edição em português

ISSN: 1996-7454



A Agência Thompson: dois estilos?

O romântico
raio verde

Verne nos
Países Baixos

Especial
Sonho de uma
noite de 1848

No que se deve falar do primeiro aniversário e o que se avizinha

Há mais de um ano, em 3 de Setembro, aparecia, no mundo digital, *Mundo Verne*, o reflexo dos cosmos verniano desde a óptica ibero-americana. A revista contou com a magnífica possibilidade – graças a dois amigos de língua portuguesa – de ser traduzida para o idioma de Camões, dando ao projecto uma real dimensão multinacional e representativa dos povos da região.

Ao longo deste tempo, recebemos numerosos elogios e agradeço pessoalmente todas as mensagens que foram enviadas para a minha caixa de entrada, dando-me alento e ânimo para seguir em frente neste empenho por divulgar a maior quantidade de dados possíveis da vida e obra deste autor francês que viveu num mundo muito pessoal no qual submergimos a cada número.

Neste período começou-se a publicar dois textos inéditos do autor, um deles já disponível na sua forma completa (*Pierre-Jean*). Traduziram-se, especialmente para a revista, umas dez cartas inéditas em espanhol. Pelas nossas páginas já passaram reconhecidos especialistas vernianos, o que constitui, sem dúvida, uma grande conquista e, ao mesmo tempo, o desafio de publicar com qualidade, sabendo que se espera o lançamento de cada número da revista e que as pessoas, inclusive em França, lêem nossos textos. Tivemos a possibilidade de publicar nas nossas páginas artigos de autores de treze países da Europa e América.

Depois de seis números e mais de

vinte e cinco artigos que abarcam várias matérias, cabe perguntar: qual é o futuro da revista? Promissório, respondo. O que se espera para os próximos números? Irá ser publicada, em Dezembro, a edição correspondente aos últimos dois meses do ano e a partir de Janeiro, a revista modificará a sua frequência de publicação, que será trimestral, isto quer dizer, quatro números ao ano.

Que não se espalhe o pânico, leitores! De modo algum, isto significa um declive, nem sequer falta de material para publicar. Pelo contrário. Asseguro-lhes que hoje, mais que no primeiro dia, contam-se com textos suficientes –uma vintena– que esperam ser publicados. A decisão tem a ver, principalmente, em assegurar a qualidade necessária do que se apresenta, assim como o desenho visual destas páginas. Além disso, o novo intervalo entre as publicações recairá em mais tempo de preparação, revisão para o número e maior volume de páginas. Prevê-se que se aumente a quantidade das secções, de maneira que se possam abarcar mais temas e os textos inéditos farão a sua aparição, nestas páginas, com mais frequência.

Não há preocupação com o presente nem com o futuro de *Mundo Verne*. Goza de boa saúde e vai à procura de se consolidar no próximo ano. Como diria o nosso amigo Passepourtout no seu blog quando anunciou, pela primeira vez, a aparição desta revista há doze meses: Uma longa vida a *Mundo Verne*! ●



Sobre a imagem da capa

Extraída do livro *A Agência Thompson & C^a*, Léon Benett teve a seu cargo, sozinho, o desenho das quarenta e quatro ilustrações que compõem a obra. Nesta, em particular, vê-se os passageiros do cruzeiro da companhia Thompson numa imagem muito ilustrativa como também do barco onde fazem a travessia.

Sumário

Universo verniano	3
A imagem e semelhança	4
Uma viagem ao extraordinário O romântico raio verde	5
A volta ao mundo Verne nos Países Baixos	11
Influências A visão verniana de Klein	14
Terra Verne A Agência Thompson	16
No ecrã Um ano de novas viagens	21
Sem publicação prévia O cerco a Roma. Capítulo 2	25
Cartas gaulesas Sonho de uma noite de 1848	31

© 2008. Mundo Verne.

Revista bimensal em castelhano e português sobre a vida e obra do escritor francês Jules Verne

Director e desenhador
Ariel Pérez.

Conselho editorial

Ariel Pérez
Cristian A. Tello
Yaikel Águila.

Tradução portuguesa

Frederico Jácome
Carlos Patricio.
Edmar Guirra

<http://jgverne.cmact.com/Misc/Revista.htm>

Correio-e: arielpr@gmail.com.

Distribuição gratuita.

Os artigos colocados expressam exclusivamente a opinião dos autores. É permitido copiar, distribuir, mostrar e fazer trabalhos derivados dos materiais que estão nesta revista, sempre que se cite a fonte de onde foi obtida, não se pode retirar material para produzir produtos com fins comerciais e se se fizerem trabalhos derivados deve-se compartilhá-los com esta mesma licença. Publica-se sob a licença *Creative Commons*



Salon de 1857: Verne como crítico de arte

Pode ser, quem sabe, o sucesso editorial do ano em matéria verniana! Algo esperado desde há muito tempo, quando há dois anos atrás William Butcher deu a conhecer a sua existência na sua biografia sobre Verne.

Editado, apresentado e comentado pelo próprio Bill, um dos mais destacados especialistas mundiais sobre Verne, foi publicado nos finais de Setembro no sítio Lulu (venda online de livros), o livro *Salon de 1857*, um compendio de seis artigos escritos por Verne a propósito da exposição no Salão de Belas Artes de 1857 em Paris. O livro também inclui uma pequena biografia escrita por Jules sobre Victor Massé, um amigo pessoal do escritor.

O livro pode ser descarregado por uma módica quantia no endereço (<http://www.lulu.com>) e também pode ser comprado em formato de



papel. Além disso, um extracto do texto pode ser consultado online de forma gratuita.

A edição está profundamente ilustrada e comentada, com mais de 150 imagens e umas 500 notas. A *Mundo Verne* dedicará, em futuras edições, um espaço sobre o tema.

Faleceu Francis Lacassin

Em Agosto passado, o editor, escritor, ensaísta e membro do comité de Honra da Sociedade Jules Verne, Francis Lacassin, faleceu em Paris com a idade de 76 anos. Grande especialista da literatura popular, assim como em quadrinhos, que se propôs a reabilitar. Ao longo dos seus cinquenta anos de edição e vinte de colaboração em prestigiosas colecções, nunca deixou de revelar os aspectos desconhecidos de numerosos auto-

res célebres, entre eles Jules Verne, sobre o qual publicou importantes livros como *Histoires inattendues* em 1978 e *Textes oubliés* em 1979, além de escrever o prefácio de reedições de livros de Verne na década de setenta. Junta-se a isso que, em grande medida, e graças à sua acção, os manuscritos de Verne, que actualmente são propriedade da cidade de Nantes, puderam permanecer em território francês.

A inauguração do *Espace Jules Verne* começa a dar sinais de vida

A inauguração do novo *Espace Jules Verne*, em 4 de Outubro, na cidade suíça de Yverdon-les-Bains, começou a dar sinais de vida desde meados de Setembro quando estreou, para honrar o ambiente que se viverá na cidade dentro de uns dias, a ópera *Le docteur Ox*, criada por Jacques Offenbach para o teatro e baseada no conto homónimo de Verne. Foi interpretada com a orquestração original, algo que nunca havia aconte-

cido, desde a sua criação em 1877. A produção foi executada pela Companhia Ad'Opera e pela Orquestra de Yverdon-les-Bains. Esse próprio teatro, apresentará, também, na própria data de abertura do evento, a obra *20.000 lieues sous les mers*, criada pela *Companhia das Viagens Extraordinárias*. Depois, no dia 8, a hilariante obra de Sébastien Azzopardi, *Le tour du monde en 80 jours*.

Em poucas palavras

Foi publicado, em Setembro, o novo ensaio de Lionel Dupuy, *Drôle de Jules Verne*, que analisa o humor, a ironia e a troça na obra do escritor francês. Foi publicado pela *Clef d'Argent* e constitui o quinto livro que Lionel publica nesta editora.

....

Jules Verne, sa vie, son œuvre et son époque à travers le timbre-poste é o título de um livro de 124 páginas, publicado pelas Edições Thélès e elaborado por Jean-Marie Paul-Dauphin, com prefácio de Michel Roethel (fundador da Livraria Jules Verne em Paris).

O livro relaciona Verne com a filatelia.

....

Gauthier Guy, grande especialista do cinema, e as Edições L'Harmattan fizeram uma homenagem a Edouard Riou, um dos principais ilustradores da obra de Verne com a publicação de um livro intitulado *Edouard Riou, dessinateur*. Entre *le Tour du monde et Jules Verne - 1860-1900* que aborda a obra do célebre ilustrador.

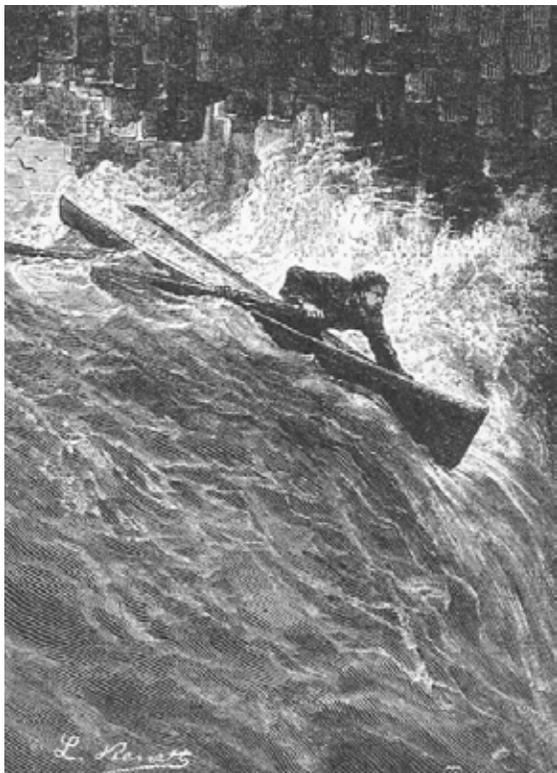
....

Depois de cinco meses de bons e leais serviços e de uma proeza técnica importante por parte dos seus criadores, o veículo de transferência automatizada Jules Verne (ATV as suas siglas em inglês) separou-se da estação espacial nos inícios de Setembro. Um fim de missão triste e alegre ao mesmo tempo, pois o cargueiro se desintegrará no espaço três semanas mais tarde, na nossa atmosfera, acima do Oceano Pacífico.

A instituição que a teve a cargo o seu lançamento prepara-se para o envio de um novo veículo em 2010.



Um jovem artista, sentado diante do cavalete, ali se encontrava preparando-se para pintar uma vista do mar. De repente, a bola lançada por miss Campbell chocou-se contra a tela e derrubou o cavalete.



Olivier Sinclair, no intervalo de um segundo, chegou à parede oposta sem mais temor do que o de haver saído do redemoinho sem prender-se a alguma reentrância das profundezas.

Fala-se de... Olivier Sinclair

Órfão desde a infância, Olivier era um jovem instruído, de vinte e seis anos de idade, amável, elegante e solteiro. Verne o descreve como um «belo rapaz que fez seus estudos na universidade não sem proveito, pois aos vinte anos, vendo-se dono de uma modesta fortuna, percorreu os principais países da Europa, Índia e América». Era o último filho de uma respeitável família de Edimburgo, e a célebre revista da cidade havia publicado por diversas vezes seus apontamentos de viagem. Além disso, era um pintor reconhecido, que podia vender seus quadros a preços elevados e, ainda que um tanto distraído, cultivava também a arte da poesia, qualidades que se contrapõem à ciência proclamada pelo pedante Aristóbulo Ursiclos.

Olivier Sinclair é o protagonista principal de *O Raio Verde*, novela romântica de Verne cujo argumento se baseia em uma crônica de pitorescas viagens marítimas pelas complicadas costas da Escócia. Essa fascinação do autor pelo mar se evidencia no caráter humanista e aventureiro de Olivier. Por sua boca, Verne manifesta sua melancolia de marinheiro frustrado: «Não posso ver partir um navio, nau de guerra, barco de carga ou uma simples chalupa de pesca, sem que todo o meu ser embarque a bordo. Creio que nasci para ser marinheiro, e lamento a cada dia que essa carreira não tenha sido a minha desde a infância».

Em meio ao lamento de Olivier fala Verne, que desde pequeno sonhou em converter-se homem do mar, ilusão reprimida pela imposição paterna, ao ser obrigado a estudar Direito contra sua vontade. Trata-se de uma transposição de identidades autor-personagem, mais ainda quando, anos mais tarde, em 1895, confessaria à jornalista inglesa Marie A. Belloc: «Sou um devoto do mar, e não posso imaginar nada mais ideal do que a vida de um marinheiro». A afinidade de Verne por Olivier Sinclair podemos também encontrar na simpatia que demonstrou por personagens escoceses em romances anteriores, como *As Índias Negras* e *Os Filhos do Capitão Grant*, reflexo indisfarçável de certa solidariedade céltica do autor dada sua descendência materna, de origem bretã e escocesa, composta por marinheiros e literatos.

Porém, Olivier apresenta outro matiz, o do herói romântico que não hesitará em sacrificar a própria vida no resgate de sua amada Helena Campbell. O amor e a abnegação que professa à jovem são características inatas dos heróis de Walter Scott, escritor escocês preferido de Verne, cujas obras são ressaltadas ao longo da narrativa. Por outro lado, a velha lenda do raio verde associado a um indício de amor verdadeiro é o perfeito pretexto para Olivier que viverá, junto a Helena e sua família, uma sucessão de circunstâncias favoráveis até ser finalmente correspondido ●

O romântico raio verde

Cristian Tello

De Carlos Patrício, para Ellenn

O Raio Verde constitui uma das histórias mais românticas e menos estudadas da obra do escritor francês. No presente artigo se analisam de forma detalhada suas características.



Muitos crêem ser uma lenda, outros pensam que existe mas sua causa é desconhecida, uns poucos contam com orgulho que já o viram.

Trata-se do raio verde, um fenômeno atmosférico real hoje em dia e bem estudado. Sobre esse mito e com o mesmo título, *O Raio Verde*, Jules Verne escreveu um livro e Eric Rohmer dirigiu um filme. *Fotografia de Jorcat*.

Sobre o autor



Cristian Alexander Tello de la Cruz (Lima, Perú, 1977)
destro777@hotmail.com

Engenheiro peruano que mantém um site na Internet sobre Verne desde 2004.

É um dos vernianos mais ativos na América Latina.

Escreveu artigos sobre o autor e os publica em seu site. Também traduziu para o castelhano vários textos inéditos do francês. É um dos fundadores de *Mundo Verne*.

Uma antiga lenda escocesa.

«Já presenciaram alguma vez o pôr-do-sol no mar? (...) Porém, já perceberam um fenômeno que ocorre no momento em que o astro radiante lança seu derradeiro raio, quando

o céu está completamente livre de brumas e perfeitamente limpo? Provavelmente, não. Então não perca a ocasião de presenciar esse fenômeno. Seus olhos verão não um raio vermelho, mas sim um maravilhoso raio verde, de um tom que nenhum pintor pode reproduzir em sua paleta, e que a própria Natureza, nem na cor variada das plantas, nem na tonalidade dos mares mais límpidos, jamais repetiu! Se há verde no paraíso, não pode ser senão esse, que é, sem dúvida, o verde da esperança».

Um artigo – de onde se tomou esse fragmento – publicado num jornal inglês cativou de tal forma a protagonista do romance *O Raio Verde*, que esta resolveu empreender uma série de viagens com o único fim de apreciar em pessoa o mítico raio. O próprio autor menciona que se tratava de uma antiga e inexplicada tradição, segundo a qual aquele que tivesse a sorte de contemplar o raio, poderia ver com clareza em seu coração e nos dos outros. Segundo a lenda, se duas pessoas o virem juntas, apaixonar-se-ão uma pela outra, representando o instante mágico em que dois seres descobrem o amor ao mesmo tempo.

Entretanto, o enigmático raio verde não é apenas uma história lendária, é um fenômeno óptico real que pode ser admirado por todo aficionado pela Natureza que o busque com suficiente paciência, pois só se produz sob certas condições climáticas, no momento em que o Sol emite seus últimos raios no horizonte e quando a atmosfera se encontra totalmente limpa. É um efeito que raras vezes se observa e dura apenas alguns segundos.

A explicação científica do fenômeno vi-

sual tem, com certeza, menos de literatura e nada de lendária. Baseia-se na refração atmosférica e na conseqüente dispersão da luz. A maior quantidade de atmosfera que atravessa a luz no ocaso e ao amanhecer atua como um prisma que a decompõe no espectro de cores do arco-íris. Essas cores desaparecem por trás do horizonte, uma a uma, começando pelo extremo vermelho, seguido pelo alaranjado, o amarelo e finalmente o verde, que é a última que se vê em forma de lampejo, posto que os azuis e violetas são freqüentemente dispersos na atmosfera, confundindo-se com a cor do céu.

No romance verniano, o extravagante arqueólogo Aristóbulo Ursiclos inclui outra explicação: «Se esse raio que lança o Sol no momento em que a borda superior de seu disco roça a linha do horizonte é verde, talvez seja porque ao atravessar a delgada capa de água se impregna de sua cor. E se o verde não sucede naturalmente ao vermelho do disco que acabou de desaparecer é porque nosso olho conservou a impressão, já que em ótica o verde é uma cor complementar!» Além das descrições feitas pelo autor nessa narrativa publicada em 1882, é curioso que Verne já houvesse feito referência ao raio verde alguns anos antes, em 1877, em *As Índias Negras*, outro de seus livros ambientados na Escócia: «O primeiro raio de luz solar feriu, enfim, os olhos da jovem. Era esse raio verde que, quando o horizonte está limpo de nuvens, brota do mar ao nascer e pôr-do-sol».

Mas o novelista não esquecerá esse fenômeno atmosférico, pois continuará mencionando-o em trabalhos posteriores. Em *As Aventuras de Mestre Antifer*, livro de 1894, o descreve com ênfase: «As últimas ondas, semelhantes a linhas de fogo, tremiam sob a brisa. Depois, esse resplendor se apagou de repente, quando a parte superior do disco, rasgando a linha d'água, lançou seu raio verde». E, em *O Farol do Fim do Mundo*, obra póstuma modificada por seu filho Michel e publicada em 1905, acrescenta: «Era tal a limpidez da linha entre o céu e a água, que um raio verde

atravessou o espaço no momento em que o disco solar desaparecia no horizonte».

O raio verde era ignorado pelo público, e foi Verne quem revelou a existência do fenômeno a seus contemporâneos. Cabe destacar que a partir da publicação do romance, a bibliografia sobre o tema foi se tornando muito extensa, sendo hoje conhecidas todas as suas características, graças à divulgação gerada pelo escritor através de sua obra, além de haver popularizado a lenda.

Hoje em dia, apesar do mistério sobre a natureza do raio verde já haver sido desvendado, um outro enigma ainda existe: De onde Verne tirou essa idéia? O autor não revela qual foi sua fonte literária, já que se limita a apresentar o prodigioso facho por meio de um artigo fictício do *Morning Post*. O insólito é que o raio verde não é citado nas grandes obras de divulgação científica da época que pude consultar, ainda que seja provável que ele tenha conhecido a primeira menção documentada do fenômeno, escrita em 1873 por David Winstanley; entretanto, devemos recordar que Verne não lia em inglês, o que leva a crer que deveria encontrá-lo em alguma de suas inumeráveis notas de leitura, ainda desconhecida, ou em uma de suas muitas aventuras marítimas

A viagem de inspiração.

O debate em torno da fonte ori-



ginal do relato persiste entre os pesquisadores da vida e da obra de Verne. Se desejamos desvelar o mistério, teríamos que recorrer ao próprio autor para saber se deixou algum indício. Parece que sim, pois em uma entrevista ao jornalista americano Gordon Jones, em 1904, ele lhe responde, após ser perguntado sobre se havia visitado a Escócia: «Sim, fiz uma viagem muito agradável à Escócia e entre outras excursões visitei um local conhecido como *Fingal's Cave*, na Ilha de Staffa. Essa imensa caverna, com suas sombras misteriosas, suas grandes câmaras escuras e cobertas de ervas e seus maravilhosos pilares basálticos impressionaram-me ao extremo, e essa foi a origem de meu livro *O Raio Verde*».

O escritor se refere ao cruzeiro que realizou entre 1879 e 1880 a Inglaterra, Escócia, Irlanda e Noruega, a bordo de seu luxuoso navio, o *Saint Michel III*. Sua correspondência pessoal nos fala dos preparativos dessa expedição: «Em qualquer caso, não creio que esse ano possa usar o barco antes de 15 de junho, ou talvez, quem sabe, até 1 de julho, pois espero o regresso de meu filho da Índia, e não chegará antes dos primeiros dias de julho».

Naquele ano de 1879, Verne desejava embarcar rumo ao norte em busca de um clima que o atraía mais do que o do Mediterrâneo, e das paisagens que o encantaram em sua juventude: Inglaterra, Escócia e Hébridas.

Quando enfim retornou da Índia, o rebelde Michel, após dezoito meses de castigo em um navio, viu que outra viagem por mar era o que o esperava, só que agora, em família. A tripulação se completava com Gaston, o mais velho dos quatro filhos de Paul, irmão de Jules. Este jovem, um ano mais velho



Vista real da gruta de *Clam Shell* ou «Concha de molusco» na ilha de Staffa. À direita, de acordo com a ilustração de Leon Benett, o mesmo lugar, de onde os personagens de Verne, em seu topo, observarão o raio verde.

que Michel, é o famoso sobrinho que irá atirar em sua perna poucos anos mais tarde.

Sem dúvidas, as recordações daquela viagem servirão de inspiração para escrever seu romance, mais ainda quando a rota seguida por Verne através das *Highlands* escocesas é a mesma que efetuarão seus personagens, percorrendo a costa oeste desde o estuário do Clyde até Oban, Mull, Iona e Staffa; e é ali que presencia a beleza da gruta de Fingal, a que menciona com entusiasmo durante a entrevista a Gordon Jones.

Ian Thompson e Philippe Valtoux, reconhecidos estudiosos da vida de Verne concluíram, após revisar as anotações da excursão, que o francês não presenciou o raio verde nessa viagem, porque não menciona o fato.

Porém, deixou-nos um breve rastro nos apontamentos de outro passeio, à Dinamarca em 1881: «Navegava na profundidade do mar sobre um imenso campo verde. Rodeado pela cor do raio verde pude avistar Copenhague».

Essa alusão implícita reafirma que Verne conhecia o nível de intensidade da cor associada ao fenômeno. Só resta aceitar que o autor deve ter visto o lampejo em alguma de suas viagens, ainda que até hoje não se saiba com certeza em qual delas.

No que diz respeito à lenda, Ian Thompson argumenta que foi inventada pelo editor Hetzel para fazer

Os personagens do romance

- Samuel e Sebastián Melvill. Os irmãos Sam e Sib são os donos de uma propriedade na aldeia de Helensburg, Glasgow. Estão a cargo da educação de sua sobrinha desde que esta se tornou órfã, ainda criança. Quando alcança a maioridade, buscam casá-la e para isso financiam uma expedição à procura do raio verde.
- Miss Helena Campbell, 18 anos. De cabelos louros e olhos azuis, não aparentava opulência apesar das riquezas que possuía por parte de seus tios. Sua caridade não tinha limites e seu maior desejo era contemplar pessoalmente o raio verde.
- Olivier Sinclair, 26 anos, oriundo de Edimburgo. Órfão de pai e mãe, foi educado por seu tio. Pintor reconhecido e às vezes poeta, une-se à excursão da família Melvill e no caminho se enamora pela bela Helena Campbell.
- Aristobulus Ursiclos, 28 anos, procedente de Dumfries, baixa Escócia. Expert em Química, Física, Astronomia e Matemática, apreciava dar explicações a todo fenômeno natural, ainda que de modo pedante e excêntrico. É o preferido dos irmãos Melvill que anseiam por casá-lo com sua sobrinha.
- Elisabeth ou senhora Bess, 47 anos. Empregada da casa dos Melvill, diligente e formal, era a responsável por todos os afazeres domésticos. Toma parte na viagem através das *Highlands* escocesas.
- Partridge, serviçal completamente fiel aos irmãos Melvill. Vestia sempre o traje tradicional dos montanheses. É o guardião da casa e acompanha seus amos durante o percurso que empreendem pelas perigosas costas escocesas.
- Maese Mac-Fyne, proprietário do *Caledonian Hotel* na cidade de Oban. É quem recomenda a seus hóspedes visitar a ilha de Seil, de onde poderiam ver a manifestação do raio verde.
- Patrick Oldimer, tio e educador de Olivier Sinclair. Um dos quatro membros da administração municipal de Edimburgo. Anos atrás havia mantido vínculos de amizade com os irmãos Melvill.
- John Olduck. Capitão do *Clorinda*, iate onde viajam os expedicionários na última parte do percurso, até que logram observar o raio.

mais atrativa a trama do romance, enquanto Valetoux ainda investiga se Verne recolheu o mito em alguma localidade, para depois conectar a tradição com a viagem e converter tudo na melhor de suas raras narrativas românticas

Características e estrutura da obra.

O raio verde foi publicado em capítulos no *Le Temps* de 17 de maio a 23 de junho de 1882. Em julho surgiu em formato de livro, juntamente ao conto *Dez Horas de Caça*, e em outubro, a edição ilustrada por Léon Benett. Escrita em 1881, esta novela aborda um tema pouco usual a Verne: o amor. Esse ano havia zarpado com destino a Rotterdam e as costas alemãs. Pode-se supor que o bretão escreveu *O Raio Verde* enquanto viajava ao rumo nórdico, o que resulta possível dada a estrutura episódica do livro.

Para criar a tela de fundo, Verne recorreu a suas antigas notas e recordações da Escócia, mostrando especial interesse em depurar seu

estilo, tendo em conta que a obra era de cunho romântico: «A protagonista – ele explica ao editor – deve ser jovem, mas muito original e excêntrica, sem faltar ao decoro; toda a obra deve resultar muito delicada».

Nenhum leitor poderá negar delicadeza ao romance, que tem, aliás, o número ideal de páginas para que um diário o publicasse em capítulos. Quando Hetzel teve em seu poder o manuscrito, nada encontrou para retocar: «Li-o de cabo a rabo – escreve ele ao autor em fevereiro de 1882 – e de todos os livros que já escrevestes, este pode ser o que dá, no conjunto e à primeira vista, tudo o quanto dele se poderia esperar». Chega a ser estranho que o eterno crítico de seus trabalhos aprove com total indulgência o relato: «É uma preciosa obra literária, muito doce, sensível e fina, que agradará mais aos leitores de qualidade que os de quantidade». Será que os ataques da velhice e das enfermidades haviam amansado Hetzel?

O argumento conta a difícil busca de um belo fenômeno ótico que aparece no pôr-do-sol e que tem a virtude de encher de felicidade e sorte o afortunado que possa observá-lo. Os personagens procuram ver o mágico raio verde recorrendo a paragens da Escócia que são pouco favoráveis a sua observação, por causa do nevoeiro. Após uma série de fracassadas tentativas, o fenômeno se apresentará, mas por circunstâncias do destino ao final da história, a jovem protagonista não consegue observar o lampejo, ainda que encontrando o amor de sua vida, cumprindo-se desse

Capas de edições castelhanas



modo seu anseio.

Além de servir como um completo guia turístico das ilhas escocesas, o romance delinea também o antagonismo entre a Ciência, encarnada pelo sabe-tudo Aristóbulo Ursiclos (cujo nome aparentemente encerra um anagrama) e o humanismo representado pelo poeta Olivier Sinclair, por quem Verne fixa sua preferência; posição explicável dada a personalidade do sábio, que é um tipo esquisito, antipático por seu coração frio e sua inteligência puramente mecânica, valores totalmente alijados das bondades filosóficas dos cientistas de sua primeira fase literária.

Aristóbulo é descrito também sob traços alquimistas, relacionados com a possessão do desejado elixir da vida, pois, nas palavras do autor, «trata-se de um personagem de vinte e oito anos, que nunca havia sido jovem e que, provavelmente, jamais seria velho», simbolismo que nos recorda Phileas Fogg, «um Byron impassível que havia vivido mil anos sem envelhecer». Outros protagonistas de peculiar perfil psicológico são os irmãos Melvill, Sam e Sib, que ao decidirem ser tutores de Helena, «permaneceram solteiros sem nenhum pesar», e que, inclusive, parecem representar



Miss Helena Campbell, a jovem protagonista do romance *O Raio Verde*

um ente andrógino: «o maior se converteu no pai da moça, e o menor em sua mãe (...) aqueles dois seres formavam um só».

O Raio Verde não figura no grupo clássico de «romances visionários» que se atribuem a Verne; é considerada simplesmente uma obra de viagens e aventuras, baseada numa antiga lenda romântica. Talvez essa definição não seja de todo precisa, já que da boca de Olivier Sinclair encontramos o que se denomina ironicamente uma sábia meditação sobre «a influência dos instrumentos de vento na formação das tempestades». Teria Verne intuído que, em 1963, Edward Lorenz diria sua famosa frase, ao referir-se ao fato de prever o clima através de equações: «o bater de asas de uma borboleta em Hong Kong pode iniciar uma tempestade em Nova Iorque?» Teria ele, desta forma, antevisto a teoria do caos conhecida como «efeito borboleta»? O debate está aberto aos especialistas em Meteorologia.

Quanto ao estilo narrativo, é notório que *O Raio Verde* foi redigido à maneira de Charles Dickens, a quem Verne qualificou numa entrevista como o mestre de todos os autores ingleses, e que eclipsava todos os outros por sua incrível força e justeza de expressão. Estas sugestivas palavras demonstram que Verne não ocultava o fato de que se espelhava em outros colegas no que lhe convinha e que não desdenhava das imitações.

Finalmente, apesar da consistência da análise ora realizada, ainda restam questões a serem respondidas acerca da origem literária do raio verde, e até que se termine por revelar o mistério, devemos recordar que «o verde é a cor da esperança»

O argumento.

Miss Helena Campbell é uma órfã aos cuidados dos irmãos Melvill, escoceses das Highlands que dividem sua residência entre a luxuosa propriedade que habitam, próxima da aldeia de Helensburg e um antigo



Todos os olhares se fixavam naquele ponto do golfo onde haviam dois homens

hotel na West George Street em Glasgow. Cumpridos os dezoito anos da moça, Sam e Sib, seus tios solteiros, pretendem casá-la e lhe propõem Aristóbulo Ursiclos como possível pretendente. Lamentavelmente para ela, este jovem cientista se mostra um tipo ridículo e extravagante.

Porém, Helena lhes diz que não pensa em contrair matrimônio até que possa contemplar o raio verde, aquele lendário fenômeno atmosférico que se pode observar às vezes no crepúsculo, no horizonte do mar. A surpreendente resposta da jovem se baseia na leitura que havia feito no diário *Morning Post*, onde se fazia referência a uma velha lenda segundo a qual quem tivesse a felicidade de ver aquele lampejo não poderia jamais equivocar-se em questões de sentimento e de amor. A visão do raio verde teria a virtude de ajudar essa pessoa a desfazer as ilusões e as mentiras, e lhe permitiria ver com total clareza em seu coração e nos das demais pessoas. Portanto, era essa a sua condição: ela não se casaria até que observasse pessoalmente o famoso raio!

A fim de satisfazer Helena, os irmãos Melvill organizam uma viagem a algum ponto do Oceano Atlântico de onde a visão do pôr-do-sol não oferecesse dificuldades para a dese-



O raio verde! Olivier e Helena foram os únicos que não viram o fenômeno.

jada observação do fenômeno ótico, pois, como se sabe, este só aparece no instante em que o radiante astro lança seu último fulgor ao desaparecer roçando a linha d'água do horizonte marinho, sempre que o céu está limpo de nuvens.

Em conseqüência, eles embarcam através da costa oeste da Escócia, desafiando locais tormentosos, repletos de obstáculos como abrolhos, cabos, enseadas, ilhas, céus nublados e escolhos que dificultam chegar ao lugar adequado. Um dos maiores perigos foi o de enfrentar o redemoinho marítimo *Corryvreckan*, cuja má reputação, segundo Verne, poderia competir com o sinistro *Maelström* das costas da Noruega.

Quando já logravam superar o risco, o capitão do navio descobre que um bote abandonado lutava para escapar do círculo de atração do redemoinho.

Graças aos apelos de miss Campbell, aqueles dois ocupantes aprisionados e destinados à morte certa são finalmente socorridos. Eram um velho marinheiro e o jovem poeta e pintor Olivier Sinclair, procedente de Edimburgo, que se enamora por Helena e se unirá posteriormente a eles na busca do raio verde, enquanto os preocupados tios tratam para que seu ridículo candidato à mão da jo-

vem esteja presente a cada escala da expedição.

Na cidade de Oban, onde se instalam no opulento *Caledonian Hotel*, encontram-se com Aristóbulo, que assim se une à peregrinação dos irmãos Melvill e sua sobrinha.

Porém, os viajantes desconhecem que esse local, apesar de suas belas praias turísticas, não possuía um horizonte de mar suficientemente amplo para a contemplação do afortunado raio. Decidem então ir à ilha de Seil, mas ali também fracassam, pois nuvens cobriam de névoas o horizonte.

Regressando a Oban, e depois de uma partida de croquet, Helena e Olivier se reencontram de forma providencial. Desta maneira, o jovem pintor os acompanhará na dura travessia que ainda os espera, pois Olivier se sentia em dívida com sua salvadora e queria ajudá-la a realizar seu sonho. Com a esperança de ter melhor sorte, todos voltam à ilha de Seil e comprovam que desta vez o céu estava cristalino; no momento culminante, em que o Sol desaparecia no horizonte, surpreendentemente surge uma embarcação cuja vela se interpõe no caminho entre o raio e os olhos dos espectadores.

Já haviam desperdiçado duas ocasiões favoráveis e Helena se mostrava cada dia mais impaciente, sem que nada a consolasse. Enquanto isso, Olivier já percebia que aquele imperturbável cientista era, por assim dizer, seu rival de amores.

Olivier propõe, então, um novo projeto, o de dirigirem-se à ilha de Iona que reunia, segundo seu critério, as melhores condições atmosféricas. Mas sucessivos inconvenientes causados pelo desajeitado Aristóbulo continuavam impedindo o ardente desejo da jovem.

A nova rota eleita pelos viajantes, sem a presença do cientista, é a ilhota de Staffa, uma enorme rocha isolada próxima a Mull. Enquanto esperam encontrar o clima adequado, aproveitam para visitar e explorar as grutas de Fingal.

No dia seguinte, Helena regressa à caverna sem avisar a seus acom-

panhantes. Percebida sua ausência, todos partem em busca da moça, que corre o risco de afogar-se, pois a elevação da maré e os fortes ventos já provocavam ondas que chegavam com violência ao interior da caverna.

Em um ato heróico, Olivier sobe em um dos botes do *Clorinda*, o navio que os transporta, e parte em socorro à jovem, desafiando a borrasca.

Finalmente a encontra, quase inconsciente e a resgata depois de enfrentarem juntos a morte no interior da gruta. Se antes ela o havia salvo, agora ele lhe devolve o favor. A partir de então, seus corações bateriam sempre sincronizados.

Uma vez restabelecida, Helena insiste em observar o raio verde devido ao bom tempo que se apresenta. Com essa intenção, todos sobem a escadaria da gruta de Clam Shell em Saffa. Uma vez ali, sentam-se nas mais altas rochas para vislumbrar a pureza perfeita do esperado raio.

Quando tudo se prestava para a aparição do fenômeno e o lampejo irradia, enfim, sua sublime coloração, todos os excursionistas apreciam o magnífico evento – com exceção de Helena e de Olivier, que não desviavam o olhar um do outro, em sua mútua contemplação.

Para eles, o real significado do raio



Miss Campbell, dominada e já sem forças, começou a desfalecer.

verde, o do amor sincero e verdadeiro, havia chegado a suas vidas. Ela o encontrou no raio negro lançado pelos olhos de Olivier, e ele no raio azul saído dos olhos de Helena.

Dias depois, de regresso a Glasgow, os jovens se casam com a aprovação dos tios Melvill, que finalmente vêem feliz sua sobrinha, com essa alegria que a lenda atribuía à observação do raio verde.

O filme

O raio verde é o quinto dos seis títulos que compõem o ciclo de Comédias e Provérbios do cineasta francês Eric Rohmer.

Estreou em 1986 e deve seu nome, curiosamente, à novela homônima de Jules Verne, que é citada explicitamente em uma seqüência da fita, segundo a qual aquele que visse o raio verde antes do pôr-do-sol compreenderia seus sentimentos e os das pessoas que o rodeiam.

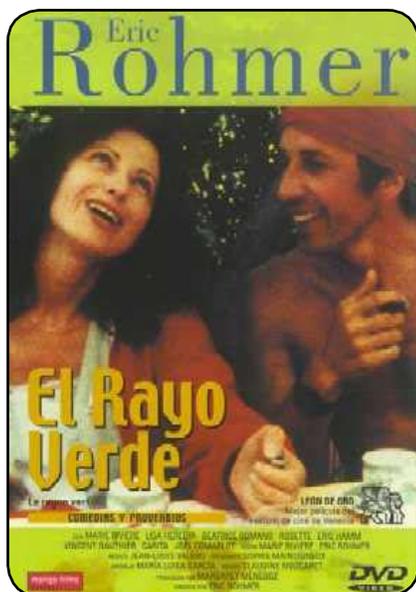
O filme gira em torno de uma mulher (Marie Rivière) que se angustia

em busca de um lugar para ver o raio verde. No caminho conhece uma amiga sueca que tenta animá-la, mas que só consegue aumentar sua sensação de solidão, até que, de repente, seu destino dá uma virada inesperada.

O Raio Verde é uma das melhores realizações de Rohmer, um filme cáldo e cheio de matizes sobre o isolamento e a solidão na sociedade contemporânea.

O melhor é o final com o entardecer até o surgimento do enigmático raio verde, essa última luminescência do Sol antes de ocultar-se. Foi ganhadora do *Leão de Ouro* no festival de Veneza e seu título foi traduzido para o mercado anglo-saxão como *Summer*.

Outra recriação do raio verde no cinema pode ser encontrada no recente sucesso de 2007, *Piratas do Caribe 3*. Mas a diferença é que o filme de Rohmer registra o raio de forma natural, enquanto o filme em que atua o popular Johnny Depp utiliza efeitos de computador para mostrar o fenômeno visual ●



por ver que não tem com quem passar as férias, e que tem dificuldades em conversar e fazer amigos, assim como de tratar de assuntos do dia-a-dia e mundanos, razão pela qual se deve sua forçosa e sofrida solidão. Triste e vazia, decide viajar de uma praia a outra, de Paris à montanha,

Bibliografía

- Lottman, Herbert. *Jules Verne*. Editorial Anagrama, Barcelona, 1998.
- Verne, Jules. *El rayo verde*. Editorial Najera, Madrid, 1984.
- Thompson, Ian. *Jules Verne, Geography and Nineteenth Century Scotland*. On line, <http://jv.gilead.org.il/ithompson/geography.html>
- Crovisier, Jacques. *Le rayon vert, révélation d'un phénomène atmosphérique*. On line, http://www.lesia.obspm.fr/~crovisier/JV/verne_RV.html
- Miró-Granada, Jaime. *Green flash, el destello verde*. On line, <http://www.meteored.com/ram/1640/green-flash-el-destello-verde/>

Jules Verne, em suas novelas de aventuras, criou ou recriou muitas lendas. Entre elas, a do «raio verde», que só podem ver ao pôr-do-Sol aquelas pessoas que estejam verdadeiramente enamoradas. Mas, o que há por trás dessa licença literária? Existe o «raio verde»?

A resposta é simples e, ao mesmo tempo, complexa. Sim, existe o «raio verde», um fenômeno real e não uma ilusão de ótica. Entretanto, a explicação do mesmo não é fácil.

Sob essa denominação, não muito feliz em nossa língua (nem é um raio nem tem por que ser desta cor) se agrupa uma série de eventos relacionados. Ocorrem durante o nascer (alvorada) ou pôr (ocaso) do Sol. O primeiro prova que não se trata de um efeito de sensibilização da retina por olhar para o Sol enquanto este se oculta. De qualquer maneira, basta uma fotografia para demonstrar a existência do fenômeno. Também pode ocorrer com a Lua e, diz-se, com os planetas. Em todo caso, estamos nos referindo à aparição sobre o disco solar (ou lunar) ou em suas proximidades de tonalidades cromáticas diversas, geralmente de cor verde, ainda que também seja possível ver todos os amarelos, azulados ou violetas.

Existem diferentes tipos de raios: Espelhismo inferior, Espelhismo simulado ou superior, Relógio de areia e o raio verde propriamente dito.

Extraído do blog Cuaderno de bitácora estelar. Artigo de David Barrado y Navascués <http://weblogs.madrimasd.org/astrofisica/>

Verne nos Países Baixos*

Garnt de Vries-Uiterweerd

Sobre o autor



Garnt de Vries-Uiterweerd (Apeldoorn, Países Baixos, 1977)
garntdevries@gmail.com

Graduado em Física na Universidade de Ghent, começou a colecionar os livros de Verne quando tinha onze anos de idade.

É membro ativo da Sociedade Holandesa Jules Verne desde sua criação em 1997, assim como criador e administrador de seu site na Internet.

É editor assistente da revista *De Verniaan*, publicação oficial do clube do qual é presidente desde 2007.

Em proveito das atividades da sociedade, participou de várias conferências e entrevistas.

É um dos membros mais ativos no fórum internacional Jules Verne de Zvi Har'El, do qual é um dos fundadores e, também, membro do comitê editorial da revista eletrônica Verniana.

Tem um dos sites mais completos na rede, referência mundial.

A recepção de Jules Verne nos Países Baixos é comparável àquela dos outros lugares do mundo. Mais do que enumerar as diversas fases – Verne considerado como escritor popular e para crianças, como inventor da ficção-científica e como escritor clássico que luta para alcançar seu lugar na literatura – preferirei evocar alguns detalhes interessantes que o une ao nosso país.

As edições holandesas

As primeiras traduções para o holandês dos romances de Jules Verne foram publicadas a partir de 1864. Nesse mesmo ano, viu-se publicado, pelos irmãos Binger de Amsterdam, o romance *Vijf weken in een luchtballon* (*Cinco semanas num balão*). Em seguida, dois anos depois, *Onder land en zee Reis naar het middelpunt der aarde* (*Viagem ao centro da Terra*) pela editora De Breuk & Smits que publica também as traduções de *Os filhos do capitão Grant* (1868) e *Viagens e aventuras do capitão Hatteras* (1869).

Outros romances foram publicados por parte da editora Tjeenk Willink e, entre outros, destacam-se: *Onderzeesche reis om de aarde* (*Vinte mil léguas submarinas*) e *Rondom de wereld in 80 dagen* (*A volta ao mundo em oitenta dias*).

Em 1875, o editor Pieter van Santen volta a publicar *A volta ao mundo em oitenta dias* numa edição de luxo, de capa azul e com as ilustrações originais. No ano seguinte, aparecem *Da Terra à Lua*, *Os filhos do capitão Grant* e *Vinte mil léguas submarinas* com a mesma capa e sob o título genérico de *Wonderreizen* (*Viagens extraordinárias*). Isto marca o início da famosa série de “capas azuis”, na qual serão publicados os romances de Verne na medida em que ele os for escrevendo. Após a morte de Van Santen, a coleção continua com a editora Jacobus Robbers e, mais tarde, com a casa Elsevier.

Além das edições com este tipo de capa, Elsevier publica outras séries, com ou sem ilustrações, em todo tipo de encader-

Um dos especialistas vernianos mais ativos na Europa nos traz um texto que trata da relação de Verne com seu país, falando das edições e adaptações que se tem feito de Verne. Fala de dois dos mais importantes vernianos dos Países Baixos.



Mostra de diferentes variantes de capas de edições holandesas.

Acima, à esquerda, as primeiras edições. À direita, representação da clássica série das “capas azuis”.

Abaixo, à esquerda, a capa de livro da editora Elsevier. Finalmente, um outro estilo de capa numa edição moderna

nação, em grande formato, adaptado para as crianças, etc.

Elsevier é também o editor de uma adaptação holandesa das *Histórias das grandes viagens e dos grandes viajantes*. Digo “adaptação” e não “tradução”, porque o tradutor, o doutor Dozy, julgou necessário mudar o texto de Jules Verne, resumir algumas passagens, ajustar o estilo e, sobretudo, focar, de forma notória, nos viajantes holandeses.

Os seis volumes de *Boek der reizen en ontdekkingen* não foram publicados nesta coleção de capa azul, mas sim em fascículos ou num formato grande e encadernado. Os dois mil primeiros assinantes receberam como presente um globo de algodão em uma caixa de luxo. Este objeto, que se

conhecem somente três exemplares, é, na atualidade, algo extremamente raro.

O último romance a ser publicado sob a série das “capas azuis” foi *César Cascabel*, em 1891. Depois disso, Elsevier se limitou a fazer novas tiragens dos romances mais conhecidos até 1892 e que já haviam sido publicados. Depois de 1891, outros editores republicaram os romances de Verne, às vezes em títulos individuais, em outras, em séries. Nos anos 80 do século passado, o editor Loeb reavivou a publicação das *Viagens extraordinárias*, publicando alguns títulos raros e desconhecidos. Porém, nenhum desses chegou a alcançar a popularidade dos que foram impressos em capa azul, que serão sempre sinônimos das publicações de Jules Verne nos Países Baixos.

Atualmente, existem quatro *Viagens Extraordinárias* que não foram traduzidas para o holandês: *Mistress Branican*, *Segunda Pátria*, *Bolsas de viagem* e *O Segredo de Wilhelm Storz*. A Sociedade Jules Verne nos Países Baixos está preparando, neste momento, uma tradução de *Mistress Branican*.

Adaptações, continuações

Os romances do escritor francês deram lugar a um grande número de adaptações, continuações, anúncios publicitários etc.

Também se destaca o fato de haver uma boa quantidade de restaurantes, escolas, barcos, agências de viagens ou museus que se nomeiam Jules Verne, Phileas ou Nemo. Ao invés de enumerá-los, vou me limitar a apresentar uma seleção.

O autor Jan Feith, que visitou Jules em 1900, ficou muito impressionado com a obra verniana, a ponto de escrever, em 1908, uma continuação de *A Volta ao Mundo em 80 dias*. Este livro é intitulado *A Volta ao Mundo em 40 dias*, pois conta como o filho de Phileas Fogg, para receber a herança de seu pai, dá a volta ao mundo na metade do tempo que seu próprio

pai. James Fogg se faz acompanhar pelo filho de Passepartout. Conforme exigido pela tradição familiar, James acreditava ter chegado alguns minutos atrasado. Felizmente, ele tinha esquecido a diferença de vinte



Capa do livro de Jan Feith.

minutos entre o horário do transporte ferroviário e a hora de Amsterdã e é, assim, que ganha a aposta.

Em 1962, a Fundação Escola de Rádio Holandesa difunde a história de César Cascabel. As difusões da rádio podiam ser acompanhadas com um pequeno livro ilustrado que continham alguns trechos e perguntas escritas num estilo tão infantil que seriam vistos como ridículos pelos adolescentes de hoje. Por exemplo: “Se as crianças estão espantadas que César beba vinho, talvez seja porque se esqueçam que os Cascabel são franceses e, na França, o vinho é, simplesmente, mais barato do que leite. Portanto, as crianças aprendem a beber vinho quando jovens. Mas, aviso: não lhes dêem muito vinho ao invés de leite, uma vez que os pais holandeses sabem muito bem que o leite é muito mais saudável.”

Em 1963, a companhia de transportes públicos Maarse & Kroon construiu um ônibus (autocarro, em Portugal) que oferecia todo o luxo e conforto da época. Obviamente, este ônibus recebeu o nome de Jules Verne. Ele foi introduzido como o sucessor da “Casa a vapor”. Maarse &

Kroon, publicaram dois folhetos publicitários, o primeiro contendo os fac-símile de uma carta na qual Cornelis Helling fala do Gigante de Açò.

Finalmente, em 2004, surge o primeiro número do periódico *Phileas*. Esta revista trimestral tinha como público-alvo os «quarentões e os cinqüentões desejosos de experimentar o mundo e procurar aventura». Ao final de cada artigo eram dadas coordenadas GPS e um site oferecia informações complementares, música e muito mais. Infelizmente, este jornal não sobreviveu mais de um ano.

Como se pode notar, o nome de Jules Verne faz pensar em viagem, luxo, novidades e até mesmo pessoas que nunca leram um de seus romances são sensíveis a esse fato.

Jules Verne em cena

Nos Países Baixos, como na França, as *Viagens extraordinárias* tiveram grande êxito teatral. A primeira peça baseada em um romance de Jules Verne foi *A Volta ao Mundo em 80 dias* e foi representada pela primeira vez em 1875, apenas alguns meses após a estréia no Teatro de la Porte Saint-Martin, em Paris.

O papel de Phileas Fogg foi representado por Louis Bouwmeester, um dos maiores atores holandeses. A peça, que é um espetáculo fascinante, voltou a ser representada por vários grupos nesse mesmo ano e, em vários teatros.

Para a encenação, em Roterdã, haviam máquinas especialmente construídas em Paris e iluminação elétrica. Em Amsterdã, no Teatro Municipal, foi alugado um elefante do zoológico Artis.

Outras histórias vernianas foram igualmente adaptadas para o teatro: *Os filhos do capitão Grant*, *Doutor Ox* e *Da Terra à Lua*, em 1876; *Cinco semanas num balão* e *Miguel Strogoff*, em 1877 e *Vinte Mil Léguas Submarinas*, em 1878.

As últimas três obras pertencentes a Charles de la Mar. Em 1895 foi representada uma adaptação da *Ma-*

thias Sandorf.

É importante destacar, neste momento, um fato curioso, talvez mais perceptível a partir da representação da obra *Os filhos do capitão Grant*: Sabe-se que Jules Verne escreveu esta peça em conjunto com Adolphe d'Ennery, em 1875.

A peça estreou no dia 26 de dezembro de 1878, e o texto foi publicado em 1879. A adaptação do holandês Nicolaas Wilhelmus Peypers remonta a 1876 e a obra foi representada no Teatro Municipal de Amsterdã, nesse mesmo ano, dois anos antes da estréia em Paris.

Na verdade, a intriga de Peypers é um pouco diferente da de Verne e d'Ennery e também do romance. Na versão da Peypers, como na versão de Verne, Miss Arabella é afastada e Ayrton aparece na América do Sul. Peypers conhecia o texto de Verne e d'Ennery ou é apenas uma coincidência? Isso é algo de que não se sabe a resposta.

Os textos de *A volta ao mundo em oitenta dias* e de *Miguel Strogoff* foram reencenados, não só no século XIX, mas também no XX. Começou-se a produzir também obras radiofônicas e as séries de TV se limitaram, na sua grande maioria, às mesmas histórias: 80 dias e Strogoff, no entanto, às vezes, eram adaptados títulos desconhecidos, como por exemplo, *Kérbán, o cabeçudo*, em 1942.

Em 1984, um evento maior e mais espetacular que todos os outros foi organizado em Groningen, no coração cultural de Oosterpoort.

A parte exterior do centro foi transformada em um enorme iceberg. Um elevador em forma de gôndola levava, em grupos de vinte pessoas, até parte superior do centro de onde se via um globo.

Entrava-se por meio de uma pequena porta e uma escada caracol íngreme levava os visitantes às galerias de onde se viam representar cenas. Via-se, também o quadro *Hommage à Jules Verne* pintado por Paul Delvaux, um aquário com sereias, a

própria figura de Jules Verne e, por fim, participava-se de um baile de máscaras. Em suma, um grande espetáculo digno de Jules Verne.

E ainda não falei sobre a revista *A Volta ao Mundo em 80 dias*, o livro *Paris no século XX* e do teatro Phoenix, onde foi representado *Miguel Strogoff*.

Definitivamente, os romances de Jules Verne se prestam muito bem para todo tipo de adaptação, e os holandeses têm entendido isso muito bem.

Helling e Franquinet

Um artigo sobre a recepção de Jules Verne nos Países Baixos não estaria completo se não falássemos de dois grandes conhecedores de Jules Verne: Cornelis Helling e Edmond Franquinet.

O primeiro, suficientemente conhecido entre os vernianos, nasceu em 1901 e é filho de um verdadeiro francófilo e vernófilo. Cornelis Helling desenvolveu as mesmas paixões que



C. Helling
Vice-président de la Société Jules Verne,
Paris.

Cornelis Helling e sua assinatura em um documento, como Vice-Presidente da Sociedade de Jules Verne de Paris

seu pai e, na idade de doze anos, já escrevia histórias no estilo Jules Verne, como por exemplo, *A ilha desconhecida*. Copiava tudo o que encontrava sobre Jules Verne nas revistas e periódicos e entrou em contato com outros vernianos. Em 1935, fundou junto com Jean Guermont e Edmondo Marcucci a Sociedade Jules Verne. Nessa época o boletim continha, além dos textos em francês, uma crônica escrita em holandês. Helling foi um verniano ativo que escreveu diversos artigos, corrigiu os rascunhos das "capas azuis" publicadas por Elsevier e manteve uma ampla correspondência com outros vernianos do planeta. No final de sua vida teve problemas auditivos e afastou-se pouco a pouco do seu trabalho. Morreu em 1995. Seu filho, atualmente membro da nossa sociedade, nos tem confiado uma grande quantidade de documentos de seu pai relativos a Jules Verne.

Edmond Franquinet é o autor da primeira biografia de Jules Verne em língua holandesa. É juiz em Roermond, apaixonado pela aviação e grande aficionado pela obra de Jules. Durante a Segunda Guerra Mundial, os Países Baixos foram ocupados pela Alemanha e quase não havia trabalho no tribunal, ocasião que Franquinet aproveitou para escrever a primeira biografia do autor francês. Nessa época, havia lido somente umas quarenta das *Viagens extraordinárias*, visto que as outras só podiam ser encontradas nas livrarias ou bibliotecas. Franquinet foi até Cornelis Helling em Amsterdã. Este último emprestou-lhe seus próprios livros de Verne na condição de que viesse todos os fins-de-semana de Amsterdã para Roermond. Dessa forma, Franquinet lia os romances vernianos e tomava suas notas, enquanto Helling comia e bebia. Um bom negócio para os dois! Após a Guerra, Franquinet traduziu alguns textos de Jules Verne para o holandês, entre os quais encontramos *A invasão do mar* e *Frumm-Flapp* ●

A visão verniana de Klein*

Daniel Salvo**

Um peruano fã de literatura de Ficção-Científica traduziu o discurso de agradecimento de um escritor francês ao ganhar o Prêmio Pilgrim de 2005. Abaixo, reproduzimos o conteúdo deste discurso, gentilmente enviado pelo seu tradutor.

Obrigado a todos.

Agradeço a todos os presentes pela grande honra que me fizeram ao conceder-me o prêmio Pilgrim de 2005. Estou muito orgulhoso por ser o segundo francês que recebe este prêmio, depois do saudoso amigo Pierre Versins.

Quando recebi a gentil carta de Dave Mead fiquei chocado, alucinado e aturdido. Em uma palavra: surpreso. Mas vocês sabem como são os escritores: usamos muitas palavras quando uma só é suficiente!

É certo que, como escritor, publiquei mais de uma dezena de livros, romances e antologias de contos. Como editor, publiquei centenas de livros. Como crítico, produzi centenas de textos (mais de quinhentos, segundo a última contagem), sendo, na sua grande maioria, introduções e epílogos dos livros que publiquei, que geralmente tratam das relações entre esses livros e assuntos científicos. Infelizmente, pouquíssimos destes trabalhos foram traduzidos para o inglês ou para uma outra língua que seja acessível aos formidáveis e eruditos leitores que são vocês.

Muitos deles estão disponíveis

* Discurso de agradecimento do *Pilgrim Award* por parte de Gerard Klein (Paris, 1937), autor francês de Ficção-Científica em 2005. O *Pilgrim Award* foi outorgado pela *Science Fiction Research Association* por uma vida no campo da investigação sobre a ficção Ficção-Científica. Criado em 1970, deve seu nome ao livro de J.O.Bailey, *Pilgrims trough space and time* (*Peregrinos através do espaço e do tempo*). O texto foi obtido do boletim 273 (<http://wiz.cath.vt.edu/sfra/sfra-review/273.pdf>), pgs. 13-15 da *Science Fiction Research Association* (<http://www.sfra.org>), correspondente aos meses julho, agosto e setembro de 2005.

** A tradução castelhana desde o inglês se deve a Daniel Savo (Lima, Perú 1967). No ano de 2002, inicia a publicação da revista virtual *Ciencia Ficción Peru*, e desde 2003 colabora na *Velero 25*, ambas páginas da Internet dedicadas à Ficção-Científica. Publicou o artigo *Panorama de la Ciencia Ficción en Peru* na revista virtual *El Habrador*

na Internet, mas somente em língua francesa. Por isso, me pergunto: o que fiz para merecer tal prêmio?

Certamente, fiz alguns bons amigos entre vocês. Isso deve ter ajudado. Também sinto que devo agradecer a alguém que morreu há muito tempo, há um século exatamente, um homem conhecido como Jules Verne.

Suponho que vocês tenham pensado que seria apropriado eleger um francês em vista de tal ocasião, e foi então, que meu nome saiu da sombra.

Aliás, gostaria de corrigir um pequeno erro cometido pelo meu amigo George Slusser em um recente artigo publicado na *Science Fiction Studies*, na edição de março de 2005. Revisando o livro *Pourquoi J'ai tué Jules Verne*, de Bernard Blanc, constatei que me vinham, de forma confusa, algumas idéias e propostas que nunca me haviam ocorrido.

Na verdade, eu não escrevi nada para este livro, mas Bernard pôs palavras na minha boca que, de fato, não eram minhas. Então, George, eu peço que me considere «inocente» neste momento.

Na verdade, realmente escrevi algo para esse livro. Uma história muito curta, possivelmente, a história de fantasia mais curta do mundo. Eis aqui a história para vocês: «Com essa cara, disse o dragão moribundo ao cavaleiro: Você deveria ter matado a princesa e ter se casado comigo».

É a minha única tentativa literária no campo da fantasia.

Retornemos a Verne. Mais de vinte anos atrás, publiquei uma observação bastante óbvia na revista *Fiction*, a edição francesa da *The magazine of Fantasy and Science Fiction*. Afirmei que Jules Verne era apaixonado pelas maravilhas da ciência. Mas ele

sempre as destruía, sistematicamente, no final de cada livro que continha tais idéias.

Por exemplo, o submarino *Nautilus*, na verdade, é destruído duas vezes. Depois que desaparece em Maelström é, em seguida, completamente destruído no final de *A Ilha Misteriosa*.

Podem escolher qualquer maravilha científica, ela será destruída.

Isso também é interessante porque há uma recorrência deste tipo de construção na fantasia moderna, ao menos é assim como vê John Clute, na qual a maravilha tecnológica é uma espécie de doença e é apenas destruindo-a que o mundo volta a ser completo e forte novamente.

Agora, acreditem ou não, eu li dezenas de artigos e livros sobre a obra de Jules Verne e nunca tinha encontrado nem mesmo uma alusão à destruição sistemática das suas maravilhas científicas.

Porque Verne era tão obcecado com essa destruição e porque quase ninguém viu, aparentemente, o óbvio? O mais interessante é que Verne era praticamente o único escritor que agiu dessa forma. Quase todos os escritores da sua época deixavam que as maravilhas científicas continuassem existindo.

Tal como Verne, eu me aventurei no início de uma resposta. Ele estava tão fascinado com a modernidade, ao mesmo tempo em que estava aterrorizado, temeroso da idéia de que esta mesma modernidade mudasse radicalmente o seu mundo.

Além disso, cada uma das maravilhas científicas que inventou ou descreveu implica um conceito monopolista. Nemo tinha o controle monopolista do oceano, Robur, do ar, e assim por diante. Isto é contrário ao ponto de vista liberal e «burguês» do mundo político e econômico ao qual

Verne estava ligado.

É por isso que penso que Jules Verne foi uma espécie de Moisés da Ficção-Científica moderna. Ele viu a Terra Prometida, mas nunca colocou um pé sobre ela.

Não pôde aceitar as mudanças, as transformações que a ciência e a tecnologia trariam inevitavelmente à sociedade.

Do meu ponto de vista, os verdadeiros inventores da Ficção-Científica moderna são homens como Wells e Rosny Ainé que, não só reconheceram, como também exigiram tais transformações.

Segunda pergunta: Por que os estudiosos e analistas da obra de Verne que li, têm ignorado este aspecto da destruição das maravilhas científicas? Eu não tenho uma resposta definitiva. Talvez vocês possam me dar alguma.

Gostaria de dizer algo sobre como a ciência e tecnologia se relacionam à Ficção-Científica. Do meu ponto de vista, esta relação não é direta, imediata ou automática. Sempre é mediada por imagens e representações originadas cientificamente e profundamente remodeladas pela popularização da ciência, o que chamamos em francês de «vulgarização». Esta mediação é muito importante para mim, e é geralmente ignorada pelos analistas de Ficção-Científica.

Tentei esclarecer este ponto em um artigo publicado em *Learning from other worlds*, uma coleção de ensaios dedicados ao meu amigo Darko Suvin. Existe uma revisão deste livro publicado na *Science Fiction Studies*, lamento não lembrar o número exato...

Outro ponto que gostaria de esclarecer é que há uma diferença radical, e ao mesmo tempo uma grande afinidade, entre a Ficção-Científica e pseudologias como discos voadores, astronautas pré-históricos e afins. Ficção-Científica é ficção, é a suspensão da incredulidade por um período de tempo apenas; em contrapartida, as pseudologias tentam retratar-se como críveis, verdadeiras, de qual-

quer forma, contra todas as probabilidades.

Eu deveria dizer algo sobre a Ficção-Científica na França, suponho eu, mas acho que seria uma longa história. Prefiro responder às suas perguntas, se tiverem alguma.

No entanto, a Ficção-Científica vai e vem na França, e é mais antiga que a obra de Verne. Ela teve uma queda entre as duas guerras mundiais e reapareceu no início dos anos cinquenta, reintroduzida juntamente com o jazz e outras novidades quando as tropas aliadas libertaram-nos.

Eu comecei a ler Ficção-Científica, principalmente norte-americana e britânica, mas também a velha Ficção-Científica francesa aos dez anos.

Tornei-me o que é chamado de «ilustre escritor» com vinte anos e um editor de sucesso aos trinta. Aliás, eu aprendi inglês sozinho, principalmente para ler Ficção-Científica na sua língua original. Conseguem imaginar como isso foi terrível?

Mas a minha verdadeira vocação era em outro campo. Durante muitos anos, trabalhei como economista. Isso me ajudou a sobreviver no difícil campo de edição. Mas não como um escritor, que é uma atividade que toma muito tempo.

O campo das publicações de Ficção-Científica é neste momento, particularmente difícil, devido à concorrência comercial entre a fantasia e a boa Ficção-Científica.

Os jovens lêem fantasia, mas eles não se movem em direção à Ficção-Científica, por achar muito «difícil». Por conseguinte, os nossos leitores estão envelhecendo. Bem, vocês todos sabem, isso é a vida.

Outro problema é a falta de reciprocidade entre os mercados: quase noventa por cento da Ficção-Científica e fantasia que é publicada na França é traduzida do inglês, de autores principalmente americanos e britânicos.

Quase nenhum texto escrito em francês é traduzido para o Inglês. Esta é apenas uma observação.

Não tenho ilusões quanto a uma

mudança neste estado de coisas, exceto marginalmente, talvez.

Mas se vocês tiverem uma idéia ...?

Enfim, isso me trouxe até este ponto. E eu devo, em grande parte, a vocês.

Muito obrigado novamente. aguardo as suas perguntas. Tentarei responder-lhes com a ajuda de Arthur B. Evans, ou qualquer outra pessoa por aqui que fale francês, se ela, ou ele, estiver de acordo ●



Gérard Klein nasceu dia 27 de maio de 1937, em Neuilly-sur-Seine, França. É um escritor e editor francês de Ficção-Científica, que exerceu e ainda exerce uma influência considerável sobre o gênero da antecipação publicado na França. Depois de completar estudos da Psicologia e da Economia Social, iniciou a sua carreira publicando vários romances sob o pseudônimo Gilles d'Argyre. Posteriormente será o editor de coleções *Ailleurs et Demain* da editora Robert Laffont (que é considerada a mais prestigiada na França), do Livre Poche e da *Grande Antologia de Ficção-Científica* de 1974 a 1985. Seu trabalho mais importante e original é *Les virus ne parlent pas* (*Os vírus não falam*), que é caracterizado pela idéia de que os seres humanos foram criados pelo vírus.

Agencia Thompson: dois estilos?

Jesús Rojas

O texto do manuscrito é escrito apenas de um lado da página, da 1 a 352, e dos dois lados da página, da 353 à 500. Para esta última parte, do lado direito, há uma margem substancial à direita com correções e adições, que são, na verdade, muito poucas, na primeira parte do texto.

Sobre o autor



Jesús Yovanny Rojas Mora (Táchira, Venezuela, 1968)
jesusrojas_23@hotmail.com

Bombeiro profissional, historiador e educador. Professor e pesquisador da linguagem simbólica da literatura clássica que estudou por mais de 20 anos o trabalho do escritor francês Jules Verne. Ele lecionou, frequentou cursos e conferências relacionados à História e à Educação. Atualmente, é professor adjunto nas áreas de História Universal, História da Venezuela e Psicologia do Liceu Bolivariano La Florida. Instrutor de Educação Bolivariana nas Conferências Nacionais de Educação.

Um dos textos póstumos.

Após a morte de Jules Verne, em 1905, seu filho Michel anunciou em vários jornais franceses, a lista de oito romances inéditos de seu pai que estavam completamente concluídos e aguardavam a publicação da editora Hetzel. Estes foram aparecendo gradativamente no ritmo de uma ou duas publicações por ano até 1910. Na verdade, A incrível aventura da Missão Barsac, a última das Viagens extraordinárias, não seria publicada até 1919. Hoje sabemos que o filho de Verne reescreveu, em boa parte, as obras póstumas de seu pai, supostamente a fim de melhorá-las, intensificar a ação e dotá-las de maior qualidade literária, o que não acreditamos que tenha conseguido fazer, nem sequer remotamente, como teremos oportunidade de demonstrar mais tarde.

O mistério em torno da vida de Jules Verne se estende, portanto, à sua obra póstuma, ao não ser respeitado o seu legado e existir de fato uma enorme mudança em seus últimos romances sem nenhuma razão suficientemente válida para isso. Porque Michel modificou as obras póstumas de seu pai?

No que se refere ao tema, embora aparentemente esteja tudo esclarecido, eu continuo a acreditar que exista ainda o problema da paternidade de uma das histórias: A Agência Thompson & Cia. Durante várias décadas, muitos especialistas concordaram assegurando que o romance foi criado na sua totalidade por Michel, que parece ter escrito desde a primeira até a última letra. A razão é revelada por Ariel Perez em um artigo em seu website¹ intitulado: «A autenticidade do mais recente romance verniano», onde o pesquisador cubano cita o testemunho de Piero Gondolo della Riva, que afirma que A Agência Thompson & Co. foi escrita por Michel na sua totalidade, pois o único manuscrito existente desta história é assinado pelo filho do escritor, o que sugere, de forma direta, sua potencial

¹ Viaje al centro del Verne desconocido (<http://jgverne.cmact.com>).

A Agência Thompson & Cia é um dos romances póstumos mais atraentes do ponto de vista da trama. Jesus, pesquisador venezuelano, explicita seus critérios no que diz respeito às diferenças de estilo em várias partes da história.

autoria.

A análise literária desta obra, a que tenho dedicado muito tempo e várias leituras, mostra algumas contradições que podem lançar luz sobre a verdadeira autoria do romance. Os resultados a que cheguei são modestos, mas podem ser de alguma valia para todos os interessados em estudar Verne. Digamos que o romance, na nossa opinião, é dividido em duas partes claramente distintas, sendo escritas em dois estilos literários completamente diferentes e, em certa medida, opostos

Um drama bizarro

O romance começa narrando a história de Roberto Morgand, um jovem francês que vive a seis meses em Londres sob uma falsa identidade, ganhando a vida como um professor de línguas. O escritor o apresenta, no começo da história, à beira do abismo, quando o personagem está desempregado e anda pelas ruas de Londres desesperado, debaixo de chuva, a um passo da loucura, atormentado por conflitos familiares vividos e pela memória de seu pai. No entanto, pouco depois, consegue um posto de guia-intérprete numa agência de viagens e em pouco tempo fará um cruzeiro pelos arquipélagos de Açores, Madeira e Ilhas Canárias.

Entre os passageiros a bordo do cruzeiro destacam-se a bela Alice Lindsay e sua irmã Dolly, acompanhadas do fleumático e ambicioso Jack Lindsay, que busca seduzir Alice e, pretende, finalmente, matar as duas irmãs, a fim de se apoderar da fortuna delas. Jack havia chegado a Londres recentemente, vindo dos Estados Unidos, acompanhado pelas duas mulheres e atrás da herança de Alice, uma jovem viúva que herdou a grande fortuna do irmão de Jack, da qual ele acredita ter legítimo direito.

Inicia-se a viagem a bordo do navio Seamew pelas águas do rio Tâmsa e do Canal da Mancha em direção ao arquipélago de Açores. Inesperadamente, entre Roberto Morgand e Alice Lindsay nasce uma grande

dose de simpatia que, gradualmente, se transforma em amor. Jack Lindsay, que não perde um único detalhe de tudo o que acontece em torno de sua cunhada, se apressa em declarar seu amor e é rejeitado.

Foi a partir desse momento que o mau caráter se compromete numa série de ataques criminosos a fim de assassinar seus inimigos, primeiro a Alice e sua irmã e, em seguida, Roberto Morgand. Durante a passagem dos viajantes pela ilha da Madeira, descrita por Verne como uma «extensão de Londres», os turistas percorrem a acidentada cratera do vulcão *Curral das Freiras*. Nesse lugar, o enigmático criminoso pensa na sua estréia como um homicida, e tenta atacar Alice, a quem joga no meio de um caudaloso rio, no exato momento em que a jovem mulher pensava que iria ser salva das águas.

A menina foi arrastada pela enchente perante o sorriso diabólico e sinistro do seu cunhado Jack, que tenta ocultar sua pérfida ação no tumulto das pessoas. No entanto, Roberto Morgand, que viu tudo, se joga no meio das águas e resgata, milagrosamente, a jovem. A partir daí, Jack Lindsay é consumido pelo ódio e vive somente para intentar a morte de seus inimigos e de toda a tripulação, se possível.

Pouco depois, é revelado que Roberto vem, na realidade, da nobreza francesa, mas que vive em Londres sob uma falsa identidade, depois de ter sua vida familiar perturbada pela morte do pai, que ocorreu há seis meses. O guia-intérprete é, de fato, o Marquês de Gramond, que caiu num estado deplorável depois que seu libertino e desavergonhado pai gastou todos os bens da família. «Decidido a desaparecer, mudei de nome e embarquei para Londres». É justamente por causa de sua situação econômica comprometida, que Roberto não declara seu amor por Alice.

Por sua parte, Jack é um homem perverso e libertino, que gastou sua fortuna e sua vida em todos os tipos de diversão e excessos, e vem de uma

família poderosa da qual herdou uma grande fortuna, e que desperdiçou em negócios de duvidosa reputação. Aspira apoderar-se de qualquer forma da herança de sua cunhada Alice ainda que tenha que cometer um assassinato. Na cabeça do assassino se confundiam os rostos de Alice e de Roberto Morgand, razão pela qual se vê obrigado a tentar matar os dois.



Capa da edição de Hetzel da
A Agência Thompson & Cia

Na ilha da Gran Canária, os viajantes vão em direção ao topo do vulcão Tirajara. Mas Jack pretendia uma nova agressão contra os viajantes em cumplicidade com uma tribo de trogloditas selvagens. Estes empreendem, então, um violento ataque contra Roberto, e estavam prestes a matá-lo a pedradas. No entanto, o intérprete é salvo graças à intervenção decisiva dos seus companheiros de viagem.

Finalmente, na ilha de Tenerife nas Ilhas Canárias se decide uma nova subida para o imponente vulcão Teide, também conhecido como o Pico Tenerife, e cuja visita foi listada no programa como o «momento chave da viagem»². Na subida do

² Em Verne, a subida em vulcões está revestida de certo caráter sexual e iniciático

vulcão, parece que o amor de Robert e Alice iria, definitivamente, ser resolvido. Jack se esconde em busca da última oportunidade para assassinar os jovens amantes, e tudo indica um iminente desfecho, mas nada acontece. De volta ao barco³ os personagens retornam à Londres, realizando uma pequena viagem circular: «havia começado uma viagem de circunavegação; antes de chegarem à Inglaterra, iriam passar entre Tenerife e Gomera, fariam, então, um tour na ilha de ferro, que deveria ser um passeio encantador».

Foi nesta ocasião que o navio sofreu vários danos e os tripulantes ficaram à deriva no mar, sem rumo durante algum tempo, até culminar num naufrágio na costa africana onde os viajantes vivem diversos incidentes e, também, onde Jack morre inesperadamente, depois de ter pretendido arruinar os viajantes, fazendo-os prisioneiros de um bando de criminosos que agiam na região. No entanto, todos foram resgatados por um regimento francês que facilita seu retorno à Inglaterra. Por fim, Roberto e Sorgues acabam se casando com Alice e Dolly, respectivamente.

O enigma da autoria

Em 1978, o prestigiado pesquisador italiano Piero Gondolo della Riva encontrou, nos arquivos da família Hetzel, as correspondências trocadas por Michel e o filho de Hetzel, assim como as cópias datilografadas de quase todas as obras póstumas de Verne.

Com esses achados, Piero pôde comprovar que essas cópias não eram exatamente iguais aos romances que tinham sido publicados.

Quando comparadas aos manuscritos originais, fornecidos por Jean-Jules Verne, neto do escritor, o pesquisador constatou que a obra póstuma do autor francês tinha sido vítima de plágio.

Piero pôde demonstrar as modi-

³ No capítulo vinte do romance

ficações que Michel introduziu em cada um dos romances, observando que, pelo menos, um deles havia sido escrito na íntegra pelo filho do autor.

Referia-se à *Agência Thompson & Cia.*, romance de uma prosa muito bem sucedida, que foi «aclamado» e elogiado oportunamente por uma das mais importantes instituições do mundo literário: a Academia de Letras da França.

No entanto, penso que a assinatura de Michel do manuscrito encontrada por Della Riva não constitui uma certeza, cem por cento, de que a história foi escrita em sua totalidade pelo filho de Verne.

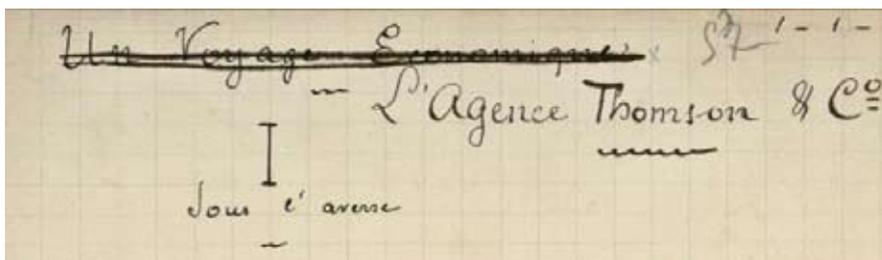
Parte do romance é escrito num estilo muito verniano, semelhante ao das melhores produções de Jules. Por isso, é muito difícil acreditar que alguém, sem qualquer formação literária e intelectual, como Michel, foi capaz de escrever uma obra de tal magnitude.

A *agência Thompson Co.* foi publicada em 1907 e é um brilhante e bonito romance do ponto de vista da prosa, mas não no tema que desenvolve.

Trata-se de uma história cheia de alusões sinistras contra a Inglaterra. A anglofobia e a misoginia, características da obra do escritor, atingem, nesta história, o seu ponto mais alto, indicando a potencial autoria do criador das *Viagens Extraordinárias*, a menos que Michel sofresse de uma anglofobia mais tenaz do que a de seu pai.

Apesar do elogio da Academia, o romance não chega a ser, no final, um dos favoritos do público e tem sido ainda mais marginalizado por estudiosos de Verne por causa da obscura trama que desenvolve.

No entanto, é surpreendente e interessante o fato de Michel poder ser o autor do romance, sem ter escrito quase nada na sua vida, diferentemente de seu pai que, após várias décadas escrevendo, não tinha conseguido chamar a atenção da prestigiosa instituição francesa.



Manuscrito de *A Agência Thompson*, com letra de Michel, onde se vê riscada a frase *Une voyage économique*, primeiro título da obra, que foi depois substituído.

Sabe-se que Michel e o filho de Hetzel chegaram a um acordo, e o filho do escritor assinou um contrato no qual se comprometeu a corrigir e melhorar as obras póstumas de seu pai.

O editor, que provavelmente conhecia a lista completa dessas obras, parece não ter pretendido com o filho de Jules o relativo plágio de que foram vítimas os romances póstumos do escritor.

O contrato assinado declarava: «o senhor Michel J. Verne se compromete em fazer as revisões e correções necessárias em cada um dos volumes, preservando, o melhor possível, o caráter que seu pai deu às suas obras, a fim de que esta série possa manter-se em condições de ser lida pelo público de Jules Verne e trazer à editora o concurso ao qual ele se comprometeu a concluir para esse efeito.»⁴

Daí resulta que Hetzel filho tinha algum conhecimento das obras não publicadas de Verne e não parece provável que o editor tivesse se prestado a aceitar um trabalho que não refletisse a verdadeira autoria do romancista; menos ainda quando sabia da existência de um grande número de romances de Jules que não haviam sido publicados.

O que se sabe de Michel Verne como escritor é da mais absoluta mediocridade. Michel era um péssimo aluno, não teve formação científica ou literária, nem tinha o nível cognitivo e intelectual de seu pai para plagiar um romance, como comen-

tamos.

O trabalho realizado por Michel Verne na novela *A invasão do mar*, que seu pai deixou inacabado ao morrer e que ele foi encarregado de concluir, é notavelmente medíocre.

Nesse romance, Michel nem sequer chega ao nível do Verne expressivo nos seus escritos de juventude, por isso é muito duvidoso que ele tenha reescrito sozinho as obras póstumas de Jules.

As diferenças de estilos

A obra que está a ser objecto de análise neste artigo não é, na realidade, uma obra extraordinária em todas as suas partes como se possa pensar, e isso deve-se ao facto de a história, como já assinalamos, ter sido redigida por dois escritores distintos. O autor dos capítulos de XXI a XXX, não é o mesmo da primeira parte, nem tinha o talento, inteligência, humor e profundidade no tratamento da informação, dos personagens e da obra em geral

Até ao capítulo XX, a obra está escrita num estilo muito semelhante ao de *Bolsas de Viagem* ou *A Volta ao Mundo em oitenta dias*. Nestes primeiros vinte capítulos, a história está cheia de vitalidade e força expressiva.

Os últimos dez capítulos são uma absurda falsificação do estilo literário de Verne, é uma aproximação ao seu estilo narrativo que não é bem sucedida, e que piora a qualidade global do relato.

A erudição exibida por Verne na primeira parte não tem continuidade na segunda, as constantes citações

⁴ Os contratos Verne-Hetzel. Retirados do site *Viaje al centro del Verne desconocido*. Disponível em <http://jgverne.cmact.com/Bibliografia/Contratos.htm>

noutros idiomas desaparecem, o tom engenhoso, irónico, mordaz e cómico-trágico característico de Verne também desaparece. Nos primeiros capítulos assistimos a uma história cheia do simbolismo próprio da obra verniana, mas a partir daí, a narração torna-se mais lenta e pesada, o brilho e o engenho esfumam-se. Supomos, como é lógico, que a primeira parte desta obra foi escrita por Jules Verne e é Michel quem escreve depois.

Por exemplo, no capítulo XXIII, quando os passageiros naufragam e chegam à costa africana, o escritor (Michel) diz: «os turistas olhavam, acumulados na praia. Nem chegavam a tomar o caso a sério. Como diz o poeta, pareciam estúpidos.» Se alguma vez um poeta dissesse essa inossa frase, seria com certeza devido a um ataque de tolice. Verne jamais escreveria algo assim, não citaria nunca um poeta para expressar semelhante delírio, nem para fazer tão inábil exibição de erudição.

O panorama geral da história indica que o assunto central gira em torno dos planos criminais de Jack Lindsay que, além de querer assassinar Alice e Dolly, também pretende fazê-lo com o seu rival, o intérprete Roberto Morgand.

Na segunda parte da narrativa, o autor enfoca o argumento em torno do amor de Roberto e Alice e os esforços da tripulação para voltar à Inglaterra. A Jack, que foi descoberto ao tentar assassinar três dos passageiros, e depois a tripulação completa, é permitido continuar a viagem até ao final, o que rompe com a lógica da história.

O desfecho da novela carece de engenho, a faísca verniana está ausente. O assassino, depois de muitas maldades morre por acidente, produto de uma bala perdida nos últimos parágrafos da acção.

Os malfeitores vernianos morrem sempre com uma faca ou uma bala no coração. Talvez, Jack devesse ter morrido no Capítulo XX, depois de cair para a cratera do vulcão Tenerife ao estilo verniano, mas isto é apenas

uma conjectura.

Na primeira metade, faz-se um uso prolífico da simbologia associada com os britânicos, os vulcões, a morte, o canibalismo, o casamento e sua visão circular e cilíndrico-cónica do Universo, mas isso deixa de ter o mesmo tratamento e tende a desaparecer na segunda parte da obra. Os protagonistas e, em geral, todos os personagens perdem a força, brilho e vitalidade.

Nesses capítulos rompe-se a lógica do argumento, que supõe inicialmente uma viagem circular desde



Fotografia de Michel Verne

Londres até às ilhas dos Açores, Madeira e Canárias, para regressar de novo a Inglaterra. No entanto, isto não acontece assim, graças a uma série de aborrecidos incidentes que fazem que os viajantes da Agência Thompson terminem naufragando na costa da África.

A maior parte dos aspectos anteriormente assinalados sobre o trabalho de Verne, estão relacionados com a estrutura interna da história, isto é com a armação ideológica e temática característica do pensamento verniano, com os seus arquétipos ideológicos, culturais, míticos e sociais.

Todavia, existem alguns elementos de aspecto formal e exterior da obra que assinalam Verne como o seu autor. Tal é a expressão «urbi et orbi» utilizada por Verne nesta novela e em *Vinte mil léguas submarinas*;

e as repetidas «no momento» muito comum na narrativa verniana. Da mesma maneira, as características expressões em latim, inglês e em outros idiomas estão presentes em grande número nos primeiros vinte capítulos da história e nos outros não.

Os factos relatados sugerem que *A Agência Thompson & Cia* é uma obra originalmente verniana, já que reflecte as estruturas de pensamento característicos de Verne e da sua obra. Em conclusão, podemos dizer que a obra foi originalmente escrita por Jules, mas que foi consideravelmente ampliada por seu filho Michel.

Desconhecemos matemática e tecnicamente em que proporção exacta, mas parece claro que, pelo menos nos últimos dez capítulos, interveio na composição um escritor que não estava à altura de Verne pai. Se foi realmente Michel esse escritor, tentando melhorar o trabalho de Jules, posso dizer que ficou muito longe de o alcançar.

Em conclusão

A Agência Thompson & Cia, é uma obra labiríntica e anti-inglesa, de uma personalidade verniana muito forte. Trata-se de um documento que demonstra a anglofobia do escritor e o seu profundo interesse pela sociedade britânica.

As alusões ao canibalismo que contem a história são características de todo o trabalho de Verne. Vê-se nas referências feitas pelo escritor para a jangada da Medusa⁵ bem como nos nomes dos dois empregados da agência Thompson para o serviço no navio, Mister Bistec e Mister Panecillo. Jack Lindsay também diz algo nas piadas e o humor negro característico de Verne quando toca o tema da antropofagia. Nas passagens onde Alice rejeita o amor que é oferecido por Jack, o criminoso

5 Tema tratado por Verne em *A Galera Chancellor*.

ameaça a jovem dizendo-lhe que ela seria «um osso a roer».

Na obra, a ilha portuguesa da Madeira é uma extensão do cemitério de Londres, pois nela quase tudo é inglês, as pessoas que a habitam e até os mortos no cemitério. Não deixa de ser muito curioso, tanto na obra como em todo o trabalho literário de Verne, que as ilhas e o universo geográfico traçado pelo escritor seja sempre uma aproximação a Londres e à geografia inglesa em geral.

Isto constitui um padrão do pensamento verniano e que permite justificar a minha primeira abordagem sobre a autoria de Verne nesta obra.

Não deixam de ser surpreendentes as passagens do capítulo XVII, onde o leitor atento tropeça num erro gramatical, que ainda hoje se desconhece se virá do escritor ou dos tradutores. No local assinalado, encontra-se um equívoco na estrutura da narrativa deste livro, a qual é narrada na terceira pessoa. Verne muda por um momento o nível de narração de terceira a primeira pessoa, quando Jack se lembrava do crime cometido contra Alice na Madeira: «Uma nuvem ligeira, no horizonte de sudeste anunciava a aproximação da primeira Canária. Mas Jack não via essa nuvem de granito.

A nada dava atenção senão a si próprio. De novo revivi a cena da torrente. De novo ouvia, como se lho tivessem proferido aos ouvidos, o som de angústia soltado em vão por Alice»⁶. Uma piada a mais do mal-humorado escritor?

O relato recria uma luta antagónica entre entidades superiores e subordinadas, trama argumental muito característica do pensamento e da narrativa verniana. Isto reflecte-se,

6 Julio Verne: Agencia Thompson y Cia. Ediciones Nauta, Espanha, 1971. (Pág. 225). É importante assinalar que nesta e noutras publicações como a recente edição da editorial Plaza e Janés, o texto apresenta o verbo “reviver” conjugado na primeira pessoa. Porém, existem outras versões em que é apresentado na terceira pessoa, mas desconhecemos a razão de ser, já que se trata de traduções íntegras e muito cuidadas.

em certo modo, através do conflito entre o metódico e estudioso Marquês de Gramond (Roberto) e o assassino Jack Lindsay, que disputam o coração de uma mulher (tema também recorrente na literatura verniana).

A obra é um relato invertido onde o superior, o Marquês, vive envergonhado perante uma falsa identidade e sob a pele de um pobre guia-intérprete, enquanto que o criminoso é um miserável sem recursos que se esconde por trás da fachada de um homem rico e respeitável.

O cruzeiro pelas ilhas dos Açores e Canárias é uma cruzada de acidentes, mortos e nefastas premonições. O escritor reflecte nesta novela com ironia sobre a morte, o crime, o canibalismo e o mundo britânico em geral. A anglofobia de Verne (tema inofensivo e humorístico na época do escritor) é retratada nos capítulos XIII e XIV da história, com a chegada dos viajantes ao «Hotel de Inglaterra» na ilha da Madeira. «Teriam sido capazes de pensar na Inglaterra sem o doce de batata que produzem as freiras do convento de Santa Clara».

Verne descreve a ilha da Madeira como uma extensão de Londres, o paraíso dos doentes britânicos: «É o paraíso dos doentes, que vêm em grupos compactos no começo do Inverno, sobretudo doentes ingleses, (...) enquanto as covas abertas por aqueles que não tornarão a partir fazem da Madeira, segundo uma expressão cruel, o maior dos cemitérios de Londres.»

Não deixam tampouco de ser humorísticas e cheias de graça as passagens em que o escritor narra o funeral de uma menina que é levada alegremente ao cemitério local: «Quanto a duvidar que criancinha estivesse morta, era impossível.

Podia alguém enganar-se com essa fronte amarelada, com esse nariz afilado, com esses dois pezinhos hirtos, saindo das pregas do vestido, com essa definitiva imobilidade do ser?» Nessas passagens o autor assinala, com a sua sátira característica, a

frequência exagerada com que morrem os britânicos na ilha da Madeira, por meio de estranhas associações de ideias que resultam ser quase incompreensíveis para os leitores modernos.

Há quem diga que a literatura é simplesmente literatura e fantasia. Estamos absolutamente de acordo com eles, porém, existem certos aspectos da obra verniana, que parecem escapar a este preceito.

Depois de a crítica literária se ter empenhado por quase cento e cinquenta anos em admirar as maravilhas tecnológicas descritas por Verne nas suas obras, é chegado o momento de estudar seriamente o conteúdo dos seus dramas, os conflitos e tragédias que nos contam as suas histórias, pois Verne antes de profeta é um dramaturgo e até hoje nada nos foi dito sobre o real significado desses dramas interiores.

Digamos, para terminar, que, na minha opinião, *A Agência Thompson & C.^a* constitui uma obra autenticamente verniana, até ao capítulo XX como já referimos e podemos afirmar que é a mais verniana de todas as obras escritas por Jules, repleta de símbolos e mensagens perturbadoras que encaixam rigorosa e tecnicamente na evolução lógica do seu pensamento.

E pode-se tratar do testamento psicológico e moral de Verne. Nas páginas deste romance, o leitor poderá descobrir que já não há o escritor de ficção-científica de outros tempos, mas sim o homem atormentado que passou os avatares e os sofrimentos de uma vida inteira.

Talvez ninguém nunca tenha conseguido compreender tanto o espírito verniano como o escritor francês Raymond Roussel, que não só considerava Verne «o maior génio literário de todos os tempos», como chegou a dizer, «é monstruoso ler as suas histórias às crianças do mesmo modo que as fábulas de La Fontaine. São tão profundas que nem mesmo os adultos conseguem compreendê-las» ●

Um ano de novas viagens*

Brian Taves

Sobre o autor



Brian Taves (Los Angeles, Estados Unidos, 1959)

briantaves07@aol.com

Doutor em Estudos Cinematográficos e História Americana. Trabalha como arquivador de filmes e séries de televisão na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos. Foi co-autor da *Jules Verne Encyclopedia* (Scarecrow, 1996). Editou a primeira versão, em inglês, do conto *Aventuras da Família Ratão*. Já publicou vários artigos sobre o escritor em diferentes revistas. Interessa-se também pela figura do filho e dedicou estudos ao trabalho de Michel como escritor. É também autor de resenhas críticas. É membro activo da *Sociedade Norteamericana Jules Verne*. Também é autor de livros sobre directores de cinema. É especialista no tema dos filmes baseados nas *Viagens Extraordinárias*, e nesse particular prepara um livro que será publicado.

Durante os primeiros anos do século XXI, tem-se anunciado novos filmes baseados na viagem ao centro da Terra, mas muitos deles ainda não foram realizados. Finalmente, em 2008, produziu-se *Journey to the center of the Earth 3-D*, uma nova versão que contou com um grande orçamento e, ao mesmo tempo, duas versões da mesma história que com inferiores custos foram realizadas exclusivamente para tirar proveito da sua prevista popularidade. Uma por Robert Halmi para a televisão e a outra por *The Ayslum*, filmada para ser vista directamente em vídeo.

A de Halmi apareceu primeiro, e como ocorreu na sua versão de 2005 de *A Ilha Misteriosa*, o cineasta não se baseou na obra e no seu lugar optou por uma nova versão de um filme anterior. Sacudiu o pó do script da sua mini-série de 1999, *Journey to the center of the Earth* e reduziu-o a um telefilme de uns 90 minutos para a *RHI Entertainment* e que estreou, no ION Network, a 27 de Janeiro de 2008. William Bray reviu o argumento da série televisiva de 99 e desta vez ajudado por T. J. Scott. As caracterizações principais e os motivos da história repetiram-se: a de uma viagem em busca de um marido explorador.

Desta vez, o argumento foi comprimido e fechado, de forma que foi menos evidente a artificialidade da história sobre as tribos subterrâneas de homens primitivos. A história continua a desenvolver-se na década de setenta mas levada para o Alasca como resultado da eleição de Vancouver como local de filmagem, o que determinou o desenho da produção, inclusive na aparência do centro da Terra. Todavia, a pergunta subsiste: por que os produtores pensaram que o script da versão de 1999 era suficientemente bom para merecer uma nova versão?

A interpretação de *The Ayslum* difundida no primeiro dia de Julho, foi a menos similar dos três filmes deste ano. Uma experiência militar e científica para teletrans-

Desta vez o especialista em cinema faz uma análise dos filmes que se produziram este ano e que foram baseados na viagem ao centro da Terra de Verne. Depois, comenta a Viagem em 3D, que estreou no final do ano em várias salas em todo o mundo.



Cartaz do filme televisivo de 2003 de *Viagem ao Centro da Terra*.

portar seis mulheres soldados da América à Europa termina mal, levando-as às profundidades do centro da Terra, onde presenciaram uma luta entre dinossauros, detalhe esse que resulta ser o mais perto da obra de Verne.

A história escrita e dirigida por Scott Wheeler e Davey Jones tem grande semelhança com conhecidos filmes que são claramente distintos da história de Verne, como *At the Earth's core* e *The core*, assim como duas que foram consideradas mais parecidas ao estilo verniano: *Unknown world* e o *Journey to the center of the Earth* da NBC de 93. A *The Ayslum* é conhecida por produzir filmes com histórias que passaram para o domínio público e com títulos que lembram produções de bom orçamento oferecidas por grandes estúdios, pelo que não é surpreendente para eles unirem-se a Verne.

Em 2007, estrearam um versão actualizada de *Vinte mil léguas submarinas* intitulada *30,000 leagues under the sea*, que já foi objecto de análise num número anterior desta revista. No entanto, a sua débil versão da viagem ao centro da Terra é muito superior, como entretenimento, a estas

* Tradução desde o inglês por Ariel Pérez e Cristian Tello sobre um artigo enviado pelo autor.

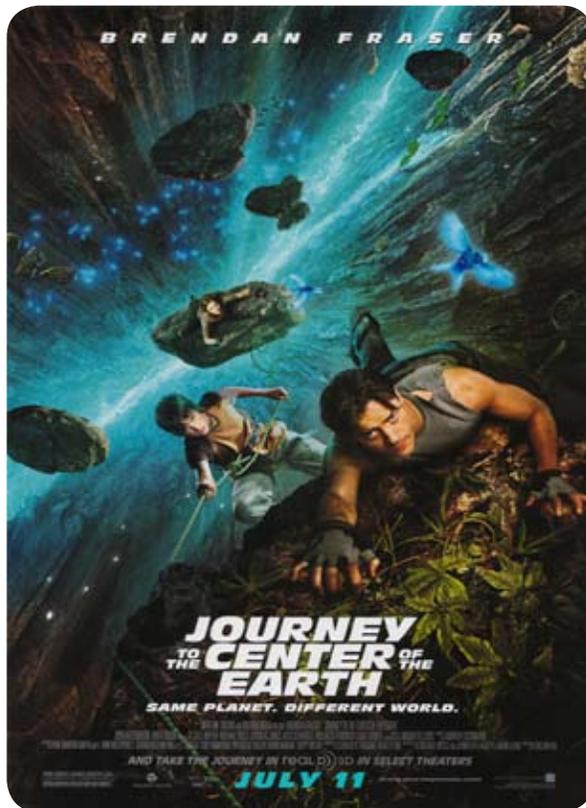
30,000 léguas... Se é certo que esta última tem mais em comum com Verne, a sua estreia foi desastrosa, de forma que um filme como *Journey to the center of the Earth*, que abandona completamente o próprio autor (excepto apenas no nome), merece menos aprovação.

Afortunadamente, a nova versão cinematográfica, *Journey to the center of the Earth 3-D* demonstrou ser completamente diferente e quebrou a grande maldição de uma década de cinema hollywoodiano baseada nas obras do francês. Isto incluía não só as versões da mesma história anteriores a 2008, como também *30,000 leagues under the sea*; o telefilme de 2005, *The mysterious island* e a *Around the world in 80 days* (2004) de Jackie Chan, ambas baseadas mais em interpretações cinematográficas anteriores que na história real; a adaptação de *The league of extraordinary gentlemen* (2003), os vinte e dois episódios da série televisiva *The Secret Adventures of Jules Verne* (2000) e a já citada mini-série *Journey to the center of the Earth* (1999).

Ironicamente, *Journey to the center of the Earth 3-D* é da Walden Media, a mesma produtora que nos trouxe a desastrosa aventura de Chan. Em contraste com esta e a outra estreia anterior no Verão, *The league of extraordinary gentlemen*, é que a viagem em 3D destaca-se de forma notória. Um filme para a temporada de férias em que o escapismo que se espera do grande público proporciona as maiores dificuldades para uma possível adaptação. Deve-se ver este novo filme (desde 1909, a décima quinta adaptação do livro original), com a mesma luz que veríamos filmes anteriores, tais como aqueles que utilizaram as técnicas de cinemascópio em 1959, ou animação (Burbank Films, 1976) e que alcançaram os melhores resultados dentro da sua categoria. No entanto, *Journey*

to the center of the Earth 3-D não só alcançou a fidelidade da concepção de Verne, como também inclui uma dimensão referencial

Os cineastas são confrontados com um outro factor. Durante a época de ouro de Verne no cinema, ou seja, desde a década de cinquenta até a de setenta do passado século, uma nova versão cinematográfica apresentou a história com ideias renovadas nas salas de cinema para admiração dos cinéfilos. Nos anos se-



Cartaz do filme *Viagem ao Centro da Terra 3-D*, de 2008, para a versão sem 3D. O cartaz oficial para a versão em três dimensões difere deste.

tenta, os filmes das duas décadas anteriores começaram a aparecer com alguma regularidade na televisão. Nos anos oitenta, todavia, com o cabo e o vídeo, os filmes baseados na obra de Verne começaram a repetir-se muitas vezes e a estar cada vez mais disponíveis nos formatos adequados aos espectadores caseiros. Portanto, para as adaptações produzidas desde a década de oitenta, resultou implementar novas formas de contar uma história e é quando se começa a ver em grande quantidade simples

interpretações dos romances, como é o caso da versão de 1959 de *Journey to the center of the Earth*.

Sabe-se que, na maioria dos casos, se abusou da liberdade narrativa ao ponto de produzir um argumento sem relação ou em desacordo com a história original. Neste momento lembro-me de filmes como: *Alien from LA* (Cannon, 1988), *Journey to the center of the Earth* (Viacom, 1989), exibida em vídeo, a animação *Funky fables: An excellent journey to the center of the Earth* (Saban, 1991), a série televisiva *Journey to the center of the Earth* (NBC, 1993), a mini-série de televisão *Journey to the center of the Earth* (E.U.A. Channel, 1999) e os outros dois filmes de 2008. *Journey to the center of the Earth 3-D* é o que melhor se aproveita dessa liberdade.

Um filme de férias proporciona uma atmosfera contemporânea. A questão então fica em como recontar a história dentro das exigências ou abandonar completamente o original, tal como fez *The Asylum*. A presunção do filme que nos ocupa agora é que o livro de Verne foi, de facto, um livro real, baseado na história de alguém que realmente fez a viagem.

Uma versão mais simples não podia ter feito uma maior fidelidade a Verne. Seguindo a descrição da viagem no livro, o trajecto pode ser e será, na realidade, duplicado, um conceito que faz com que o romance seja tanto uma continuação, como uma adaptação, eliminando, de facto, as diferenças entre eles. Embora alguns críticos possam assinalar a ausência de uma data para a história ou a eliminação de Arne Saknussemm, o certo é que sem esta mudança, o filme não poderia ter sido uma homenagem tão directa e dirigida a Verne e à sua memória.

Por outro lado, o momento em que se desenvolve a acção converte-se, sem dúvida, na sua maior parte,

em algo irrelevante numa história que ocorre principalmente debaixo da terra.

Diferentemente de *Around the world in 80 days* da Walden, este grupo de cineastas da empresa que agora assumiu o projecto teve uma atitude bem diferente em relação à fonte da história.

É um filme de gosto e inteligência, que reverencia Verne. No processo de produção, o actor, e pela primeira vez, produtor executivo Brendan Fraser, chegou ao estúdio com a sua própria cópia do livro de Jules e salientou a sua importância em muitas entrevistas. O realizador Eric Brevig já estava familiarizado com os problemas de tradução que têm atormentado o livro em inglês.

Uma moderna tecnologia gerada por computador em três dimensões, também rege a adaptação do romance. 3-D tornou-se uma nova ferramenta dos cineastas para trazer público aos cinemas, como fez o cinemascópio durante meio século.

A tecnologia permite oferecer-lhes uma experiência que não se encontra quer nos vídeos nem nos jogos de vídeo. É inteiramente apropriado que Verne no cinema tenha uma ligação com os desenvolvimentos tecnológicos, tais como teve no seu tempo os filmes *20.000 leagues under the sea* (1954) e *Around the world in 80 days* (1956) que foram pioneiros na utilização da tela em cinemascópio.

Acima de tudo, estas, como a viagem em 3-D, foram dirigidas fundamentalmente ao mercado familiar, e é neste ambiente onde têm sido localizados os maiores êxitos de bilheteira de filmes baseados na obra verniana.

O grupo principal de personagens permaneceu: o professor, o seu sobrinho e o seu guia, sem adições melodramáticas ou vilões para proporcionar tensão para além do conflito com a Natureza. No lugar do professor Lidenbrock, temos o sísmólogo Trevor Anderson (Fraser), pouco apreciado na Universidade.

No *Maxwell Anderson Center for the Study of Plate Tectonics*, nomeado assim pelo seu irmão, estuda-se desde há uma década toda a actividade sísmica relacionada com os terremotos.

A sua cunhada visita-o com o seu sobrinho Sean (Josh Hutcherson), de 13 anos e enquanto que Sean, o narrador em primeira pessoa mais jovem que o Axel de Verne, segue uma trajetória semelhante, a idade dele permite que os telespectadores mais jovens gostem mais da personagem. O desaparecimento do pai acrescenta um incentivo à viagem e, embora não esteja na obra, adiciona-se ao processo de maturação proposto por Verne. Embora inicialmente não haja uma aproximação entre tio e sobrinho, os acontecimentos que se seguem permitir-lhes-á ambos relacionarem-se afectivamente, arriscando as suas próprias vidas um pelo outro.

Com Sean chegam algumas das poses de Max, que incluem a cópia cuidadosamente estudada de *Viagem ao Centro da Terra* de Verne, cheia de notas e até uma cifra que, como no romance de Verne, o sobrinho descodifica. Aqui vê-se uma clara mudança de rumo na nova narrativa.

Um dos criptogramas no livro de Max leva o Instituto de Vulcanologia Asgeirsson na Islândia, onde Trevor e Sean conhecem Hannah (Anita Briem), filha de Asgeirsson, que explica que o seu pai era um verniano, que fazia parte de um pequeno grupo que acreditava que o que o autor tinha escrito era verdade. Nas estantes pode-se ver os originais das edições Hetzel.

Hannah, uma montanhista, concorda em guiar Trevor e Sean ao Monte Snaefells. Ela assume, portanto, o propósito de Hans no romance e prova ser de muita utilidade.

Também significa a maneira mais fácil de incluir uma mulher e provocar a tensão romântica, necessária numa adaptação moderna e sem a tendência das outras versões em adicionar um participante extra na

expedição.

Encurralados por um desmoronamento de rochas, não há maneira de avançar. Ao acender um flare, a caverna e os seus arredores estimulam o próprio hábito de Verne de dar lições pedagógicas (neste caso, Geologia), com o fim de tornar a narrativa mais atraente.

Ao descer, chegam a uma mina abandonada e ao seu longo carril. Os seguintes acontecimentos ocorrem num estilo de montanha russa com um carro de minas que lembra a *Journey to the center of the Earth* da Tokyo Disneylândia e um precedente para eventuais passeios no futuro². O percurso remete-se a uma excursão ao interior da mina até ao incrível mundo subterrâneo de cores e monstros que Verne concebeu.

O centro da terra está cheio de cascatas e possui um mar iluminado por um sol subterrâneo. É aqui o mundo que Verne descreveu mas recriado numa forma completamente nova, cheia de cores vibrantes e quase surrealista, cheia com todos os sinais de vida. Esta imagem foi a peça central do cartaz original e do site do filme.

Trevor lê em voz alta o livro à medida que passa pela floresta de cogumelos da obra. Josh lamenta não o ter lido, pois teria sido uma grande ajuda na viagem. Esta torna-se no resgate não só de Asgeirsson, mas de Max e das suas ideias, como também do próprio Verne, do valor do livro e, por consequente, da literatura e da Ciência.

A única saída é continuar o caminho dos viajantes de Verne e construir uma jangada para atravessar o mar e encontrar a saída do outro lado. Pela primeira vez, a vida pré-histórica subterrânea, tão integral na obra, torna-se num ponto principal para as adaptações deste romance. Apenas o filme de 1977 do espanhol Juan Piquer Simon tinha tratado a seriedade as criaturas do mar. À medida que a velocidade da tempes-

2 http://www.tokyodisneyresort.co.jp/tds/english/7port/mysterious/atrc_center.html

tade aumenta, Sean tenta salvar o pára-vento que usam como vela e de repente encontra-se a voar pelo ar preso ao objecto, que faz recordar o jovem que viaja num pára-vento em *Dois anos de férias* (1888).

Sean caminha sozinho, pela costa, enquanto Trevor e Hannah o procuram a partir do local onde a jangada naufragou. Separam-se e pretendem seguir o plano predeterminado pela procura da saída de Verne até à superfície.

Há aqui uma aproximação da solitária viagem de Axel quando está perdido, e ambos os personagens tentam seguir o curso do rio até ao seu destino. Na *Journey to the center of the Earth 3-D*, todas as motivações principais, os personagens e os temas do romance de Verne são mantidos.

Os efeitos tridimensionais contribuem para enriquecer a apresen-

tação visual de uma história onde a dimensão ultra mundana é a chave. Apenas há algumas cenas pouco dignas de menção e sem qualidade como a do encontro com plantas carnívoras que fazem lembrar um filme selvático. Outras virtudes compensatórias são a sua recusa para melhorar o conflito através de personagens adicionados ou destinados (como o filme de 1977 ou *Atlantis* em 1959). A música de Andrew Lockington é ideal e o script de Michael Weiss, Jennifer Flackett e Mark Levin demonstra uma inteligente dualidade de estrutura.

Infelizmente, no último momento teve-se que retirar o termo 3D do título em muitos dos locais onde foi exibido devido ao grande número de salas americanas que ainda não possuem os novos sistemas. A sua exibição em massa foi adiada porque não havia salas suficientes equipadas

com a tecnologia necessária. Foi feito com um orçamento relativamente modesto de 54 milhões de euros (as semanas onde se produziu a fotografia foram em Montreal). Concluindo, a viagem em 3D apenas pode ser vista no dia da sua estreia em 954 cinemas equipados com este sistema nos Estados Unidos, um número muito inferior aos esperados 1,400.

Este facto implicou na promoção e foram necessárias estreias simultâneas em vários cinemas com ecrãs comuns. Ainda que Verne hoje não esteja na mesma lista de competidores de Verão como Batman (*The Dark Knight*), Pixar (*Wall-e*) e também, e é triste dizê-lo, Will Smith (*Hancock*), e apesar da concorrência, *Journey to the center of the Earth 3-D* já tinha várias semanas nos cinemas antes de estrear noutras partes do mundo, nos cinemas, pela televisão por cabo ou nos leitores de vídeo ●

Cenas do filme *Viagem ao Centro da Terra 3-D*, de 2008



O livro de Verne se converte num guia para os viajantes.



A relação entre tio e sobrinho é chave para a trama



Ainda que um deles com outro sexo, o número de personagens respeita a ideia original de Verne



A bordo do trem da mina, o que remete a cenas similares de filmes anteriores

O cerco a Roma*

A trégua

Jules Verne

A Assembléia Nacional francesa foi inquirida a propósito da questão da intervenção nos assuntos de Roma. A princípio, a proposição posta sobre a mesa se limitava a pedir o envio de doze mil homens à Itália para ocupar, nesse local, um ponto contra a Áustria. Este projeto era muito vago quanto a alcançar, mais tarde, proporções gigantescas e, finalmente, a cidade eterna se converteu na importante posição de onde o exército francês iria se estabelecer¹.

O projeto de intervenção foi adotado pela Câmara. O corpo expedicionário não tardou em constituir-se. O duque de Oudinot de Reggio² foi nomeado general-em-chefe, e Regnault Saint-Jean-d'Angely, general das tropas. Este duplo comando ia contra todas as regras. A nomeação do duque de Reggio nessa circunstância não era usual, e hierarquicamente falando, ilógica. Fazia-se necessário que duas divisões, ao menos, fossem agrupadas sob as ordens de um general-em-chefe. Entretanto existia apenas uma, e o general Regnault Saint-Jean-d'Angely era suficiente para comandá-la.

O corpo do exército se compunha do 1º batalhão de batedores a pé e dois regimentos de linha sob as ordens do general de brigada Molieri, dois regimentos de linha comandados pelo general de brigada Levaillant, e dois regimentos de linha em cuja frente estava o general de

brigada Chadeysson. Três baterias de artilharia, duas companhias de engenheiros e dois esquadrões do 1º regimento de batedores a cavalo completavam as tropas da expedição.

Esse efetivo de seis mil e quinhentos homens lançou-se ao mar rapidamente e, a 24 de abril de 1849, chegou a Civittavecchia. O general-em-chefe ignorava as disposições da população, mas era importante que o desembarque se fizesse por esse local. Sem isso, a esquadra somente poderia entrar pelo pequeno porto de Fiumicino, situado na desembocadura do Tibre, num terreno muito perigoso. O duque de Reggio não tardou em saber que cento e vinte e cinco canhões se encontravam dispostos na costa de Civitta, o que não era presságio de uma recepção amistosa. Deste modo, escreveu e fez publicar na cidade uma proclamação onde dizia que o exército francês vinha como amigo e que não deveria impor à população um governo que não tivesse sua simpatia.

Esperando a hora do desembarque, dois jovens conversavam a bordo do Labrador. Um dos jovens, capitão do estado-maior que, oficialmente, não tomava parte da expedição a Roma, havia obtido a permissão de unir-se a este empreendimento na condição de acompanhante. Seu pleito, apoiado nas altas esferas por um personagem que conhecia, sem dúvidas, seus motivos secretos, foi tomado em consideração e aceito. Era um rapaz triste e inquieto, que se chamava Henri Formont. Quantas intermináveis e intensas penas haviam preenchido sua juventude, já que chorava numa idade onde ainda não se sabe fazê-lo? A seu lado, velava por ele um bom e bravo camarada, o tenente Annibal de Vergennes, cuja alegria viva e petulante contrastava com os sombrios pensamentos do

jovem capitão.

- Acreditas – dizia Henri – que desembarquemos em Civittavecchia sem dificuldades?

- Espero que não – respondeu-lhe o arrogante tenente.

- Tanto pior, pois não desejaria que me matassem ainda no início da campanha.

- Presta atenção, então, meu querido Henri, porque geralmente os novatos não regressam e as balas sempre vão em sua direção.

- Oh! Oxalá me dispensem até minha entrada em Roma – disse sombriamente Henri Formont.

Annibal segurou-lhe a mão com grande afeto.

- Amigo, não queres dizer-me a causa de tua tristeza? É uma pena! E falta de confiança, pois meu coração e meu braço te pertencem! Se, como presumo, tens alguma rancorosa vingança a cobrar, pense que esta pertence a nós dois.

- Meu querido Annibal, ainda que a vingança esteja decidida, preciso, todavia, subordiná-la aos fatos que ocorrerão. Sim, tenho em Roma um inimigo que odeio com todas as minhas forças, e rogo aos céus que não permita que ele caia honradamente sob alguma bala, pois necessito de sua vida para dar conta de sua morte!

- Bem! Faremos dele prisioneiro – respondeu Annibal – Um de meus soldados, um homem de bravura comprovada, um Hércules que alçaria três caixotes com seu braço, em uma palavra, Jean Taupin se encarregará do assunto.

- Não – disse vingativamente Henri – porque sendo prisioneiro, esse homem me escaparia. Além disso, ainda não o conheço!

- E espera encontrá-lo lá?

- Sim!

- Quem o apresentará a ele?

* Tradução do francês por Ariel Perez. Extraído do livro *San Carlos et autres récits inédits*, publicado por *Le Cherche-midi editeur*, Paris, 1993.

1 Louis Napoleão Bonaparte foi eleito presidente da República em 10 de dezembro de 1848 com 75% dos votos. Deu provas de simpatia pelos revolucionários italianos que havia conhecido em sua juventude. Depois de haver negado, decide enviar um corpo francês a Roma para contentar os católicos.

2 O general Oudinot é filho do marechal do Império Oudinott.

- Deus! Em dois dias estaremos em Roma!

- Mas não exatamente em Roma. Restará ainda uma boa distância.

- Acreditas que haja possíveis atrasos?

- Prováveis! Mais que prováveis! Se os romanos não se opuserem com todas as suas forças a nossa entrada na cidade, nos suscitarão milhares de questões diplomáticas e nos distrairão durante muito tempo com bagatelas e tolices.

- Fatalidade! Oh, Oxalá tenha a força e a oportunidade de viver até que chegue esse momento.

- Paciência e coragem, Henri – respondeu seriamente Annibal – Como vê, faz-se necessário agir com astúcia para entrar em Civittavecchia e isso pode dar-te uma idéia do que nos espera.

- Entretanto, o general Oudinot não parece duvidar de seu próximo êxito!

- Se assim ele diz... devia ao menos anunciar sobre uma bala e enviá-la dessa forma por toda a cidade. Afinal, este não é o momento de mostrar as garras, até que se esteja pronto para tal. Eis aí a preocupação que me assalta! Adeus, amigo. Morro... e te deixo meu pescoço!

Annibal deixou-se cair sobre a ponte, mas, desafortunadamente para ele e muitos de seus camaradas, a esquadra, que se aproximava da costa, recebeu ordem de fundear.

O Conselho Municipal de Civittavecchia confiando nas promessas de general-em-chefe abriu suas portas à divisão francesa. O desembarque se operou sem dificuldades. Os soldados que tomavam parte da guarnição foram recebidos na cidade de forma amigável.

Imediatamente, as ordens do dia, mais francas e mais empreendedoras que a proclamação, puseram-se ao conhecimento da população. O exército vinha para fazer respeitar-se às instituições liberais, as que o papa Pio IX havia querido dotar em seus estados. Era muito tarde para resistir. A cidade não emitiu palavra alguma.

Sem perder tempo, o general-em-chefe enviou seu irmão à frente de um destacamento de cavalaria para fazer um reconhecimento da rota de Civittavecchia. A notícia do desembarque das tropas francesas havia corrido rapidamente. O ajudante de campo estava preocupado e, em uma escaramuça, um de seus soldados caiu em poder dos romanos.

Quando regressou à cidade relatou suas observações e o general-em-chefe pronunciou essas simples palavras:

- Nos tomaram um homem; amanhã, aprisionaremos milhares.

Dois dias depois, trocaram a guarnição de Civitta por um de seus batalhões que havia sido tomado desde o princípio da campanha.

Com efeito, deixando o 36º de linha em Civitta, o general Oudinot avançou em marcha batida sobre Roma. Annibal tomou parte desta expedição temerária e Henri Formont estava dentro do estado-maior do general-em-chefe. Pela tarde, o exército chegou a Palo, onde passou a noite. Até esse momento, havia percorrido metade da rota, que é de uma vintena de leguas³. Ao despontar o dia, as tropas se puseram em marcha e não tardaram a chegar diante da vanguarda romana. Foram recebidos a tiros.

Levado por seu exaltado ardor, o general-em-chefe decidiu intentar um ataque e, ainda que desprovido de tropas de guerra e sabendo que não havia condições para um assalto, resolveu tomar Roma sem tardar um só dia a mais, convidando seus oficiais a comer na mesma tarde no Minerva, um dos melhores hotéis da cidade. Cumprindo suas ordens, reuniram-se todas as escadas dos arredores, para que os soldados pudessem escalar as barricadas dispostas diante das portas.

- Abram alas! – exclamava o gigantesco Jean Taupin. - As escadas são apenas para colher as ameixas,

desculpem o mau jeito!

Isto não o impedia de precipitar-se ao combate com toda valentia.

O caminho de Civittavecchia entra em Roma pela porta Fabrícia, situada aproximadamente atrás de Saint-Pierre. O general-em-chefe, tomando o caminho da esquerda, apresentou-se na porta Cavalligieri, aberta na grande área que coroa a Janicule. Canhões e fuzis explodiram de uma só vez, mas em meio à fumaça espessa os soldados franceses, habituados à bravura, lançaram-se contra os inimigos que, por seu número e posição, tornaram-se invencíveis. O vigésimo de linha demonstrou prodígios de valor e, se houvessem removido o obstáculo intransponível que lhes haviam imposto, a tropa teria passado. Os batedores de Orleans começaram então a dar provas da inimitável destreza que lhes destacou durante a campanha. Um deles, emboscado nos vinhedos vizinhos do caminho, da sua trincheira punha em sua mira cada homem que avançava para disparar. Cada bala tinha um destino. Protegido pela alta folhagem que ocultava a fumaça de seu fuzil, permaneceu durante muito tempo em sua posição e derrubou oito homens, até o momento em que foi alcançado por um canhão acompanhado por uma metralhadora.

Entretanto, as tropas francesas disputavam o terreno palmo a palmo, mas não avançavam e não avançar em um ataque é retroceder. Rapidamente os romanos os derrotaram. Os oficiais quiseram, em vão, concentrar seus homens e compreenderam a impossibilidade da vitória. Annibal e Henri se encontravam em meio de tudo aquilo. Em muitas ocasiões, o tenente dos engenheiros salvou a vida do oficial do estado-maior que, levado por sua coragem e por seu ódio, lutava corpo-a-corpo com os soldados romanos.

Às cinco se ordenou a retirada. Os regimentos se dispersaram e foi uma verdadeira confusão. Em vão, o general Oudinot quis organizar essa fuga e permaneceu valentemente sob fogo.

3 A distância entre Civittavecchia e Roma é de setenta quilômetros.

Seus soldados, dispersos por todos os lados, retornavam em grupos de três ou quatro trazendo feridos sobre fuzis dispostos em forma de maca; uns apenas se arrastavam, outros pareciam cadáveres e lamentavam o valor e a coragem transformados em pura perda.

Annibal, Henri e Jean Taupin estavam entre os últimos que haviam se mantido sobre os muros de Roma e, guiados pelo soldado, que conhecia o caminho, foram se recolher em Castel di Guido. Annibal estava furioso pelo fracasso, Henri, triste pelos funestos auspícios com os quais começava a expedição. Para descrever melhor, se Annibal estava fora de si, Henri remoía suas desgraças por dentro e sofria em silêncio, ao passo que seu companheiro explodia como uma bomba.

- Tenente – disse Jean Taupin – temos que recomeçar. Nesses assuntos desgraçados, pode-se regressar com uma perna ou com as duas, mas não se tem direito a resmungar...

- É uma vergonha para nós! – vociferava Annibal – Sabem que temos homens mortos e outros feitos prisioneiros? É claro! Gostaria de ver como os informes do general tratarão este desastroso dia.

- Perdoe-me, tenente, sabemos agora o que enfrentamos e esses romanos não são boa gente, mas sim violentos, lhe juro, pois vi que matam com arrogância e de todo jeito.

- Vamos, Henri! – lhe disse o tenente – afasta essa tristeza! Lutaste como um soldado, e mais de um peito romano deve ter caído surpreendido de haver encontrado tanto ódio em teu sabre. Compreendes-me?

O jovem capitão não respondeu. Os consolos do tenente e as brincadeiras do soldado não encontraram sorriso nem agradecimento. Enfim, os três marcharam silenciosamente e quando caiu a noite chegaram a Castel di Guido, onde se reuniram com o general-em-chefe.

Outra parte do exército havia chegado a Maglianella, mas essas tropas, totalmente derrotadas, só tinham



podido se concentrar a duas léguas de Roma. Quando se procedeu ao inventário, setecentos e cinqüenta homens faltaram à chamada.

Apesar disso, o fracasso do 30 de abril foi qualificado com reconhecimento, mas podia-se esperar que os austríacos, acampados do outro lado da cidade, perdedores antes dos franceses e, enfim, a Europa inteira, muito atenta ao que ocorria na Itália, apreciariam seu justo valor.

Esse forte reconhecimento, seguido de uma trégua, fez começar algumas negociações. Entretanto, os reforços indispensáveis chegaram aos muros de Roma. Não cessavam de incorporar-se, até o fim do cerco, ao corpo expedicionário que agora era de trinta mil homens. O exército na Itália estava definitivamente consti-

tuído. Compunha-se de três divisões sob as ordens dos generais Regnault Saint-Jean d'Angély, Rostolan e Guesvillers, trinta batalhões, oito esquadrões, trinta e seis peças de artilharia de campanha, quarenta peças de artilharia de cerco, canhões, obuses, morteiros e seis companhias de engenheiros, incluindo uma de mineiros. Tais eram as forças imponentes que interpretaram tão valentemente as ordens do general de artilharia Thyri e as magníficas concepções de Vaillant, tenente geral dos engenheiros.

Desde esse momento, a posição do duque de Reggio foi clara. Era general-em-chefe. Oficialmente, teria o título e, sobretudo, as honras, mas informalmente devia saber que um homem de grande inteligência

e eminente capacidade estava ali para auxiliá-lo na expedição e, dada a necessidade, declarar-se chefe das tropas francesas. Se não o fez, sem dúvida foi porque não é comum nomear-se para comandante-em-chefe um general do corpo especial. Eis aqui porque o tenente Vaillant, general dos engenheiros, se achava em segundo lugar, não obstante haver tomado a direção de todas as operações do cerco desde sua chegada aos muros de Roma.

O exército se posicionou na margem direita do Tibre. À esquerda, a terceira divisão havia se estabelecido em Monte-Mario, em frente do Vaticano, a mil e quinhentos metros da praça e de Mattei pela via Portuense. A segunda e primeira divisões, formando o centro e a direita, ocupavam Santucci, quartel general situado mais de dois mil metros ao sul de Roma e San Carlo, a uns setecentos além de Santucci. Esses dois pontos se uniam com a direita do rio por uma ponte de barcos, construída em Sasseria. A cavalaria estava distribuída entre Mattei e Santucci, e o engenheiro acampava em San Carlo. Não existe cidade ao redor de Roma, e esses vários nomes designam conventos, propriedades de cardeais ou de príncipes romanos. O duque de Reggio se estabeleceu no quartel general de Santucci e o tenente general Vaillant em San Carlo.

A companhia de Annibal estava em San Carlo, antigo convento onde haviam algumas camas de bom aspecto e, sem dizer nada, tomaram-nas para eles. À guerra, como na guerra! No começo da trégua, o engenheiro ocupou seu tempo fazendo alguns milhares de caixotes e feixes. Como os bosques estavam bem distantes, eram confeccionados no próprio local e transportados ao campo com a ajuda da infantaria e dos veículos requisitados.

Os soldados, um pouco desconcertados pelo fracasso do 30 de abril, começaram a retomar seu bom humor. Parecia que a presença do general Vaillant lhes proporcionava a

certeza da vitória. Em pouco tempo, os batedores do engenheiro haviam feito desaparecer um pequeno bosque situado próximo a Casa Mattei, junto à via Portuense. Riam e gargalhavam, nada lhes agradava mais do que essas obras de destruição. Não tinham tanta alegria quando derrubavam uma casa como quando assolavam um palácio, momento em que entravam em delírio.

Henri e Annibal estavam sempre juntos, seja porque o tenente guiava os trabalhos ou porque eles percorriam os arredores de Roma. Enquanto a artilharia utilizava as madeiras dos bosques de gavinha, os dois amigos se encontravam freqüentemente em contato com o corpo da tropa mais surda dos exércitos franceses. Tinham muitas horas para falar, e todas

eram necessárias, porque seus honestos tímpanos, destroçados pelas terríveis detonações dos morteiros, ou arrebatados pela explosão das armas de artilharia ou das metralhadoras, eram contrários a que se estabelecesse qualquer conversação. Era necessário vociferar os bons dias ou rugir as boas tardes. Annibal, nesse caso, pedia um canhão como intérprete.

Certas ocasiões os dois amigos, acompanhados do bravo Jean Taupin, se acercavam das muralhas de Roma e conversavam com os romanos e em muitas vezes, eles mesmos entravam na cidade dos soldados franceses, que visitavam em detalhe. Inclusive, altas patentes, disfarçados de camponeses, médicos etc. iam assegurar-se por sua conta dos tra-



balhos de defesa.

Os romanos, com efeito, não pareciam pôr em dúvidas que a paz se firmaria em breve. Orgulhosos de sua primeira vitória, achavam-se no direito de ditar as condições. Sem dar muita importância à presença do exército francês perante seus muros, deixavam sair e entrar livremente os estrangeiros. Os trabalhadores romanos continuavam, inclusive, reparando todos os dias a Igreja de São Paulo, situada a meia légua de Roma, à direita do Tibre. Para a ornamentação exterior, viam-se as belas colunas de mármore ofertadas recentemente pelo papa Pio IX.

Às vezes, eram os próprios romanos que vinham ao campo francês. Essas visitas não representavam nenhum inconveniente, pois os trabalhos do cerco ainda não haviam começado. Um dia, eles decidiram apresentar-se diante do general-em-chefe. Este, para recebê-los condescendentemente, fez formar sobre duas filas os caixotes e feixes de madeira do exército, sem ter a sua disposição uma decoração mais triunfal. Porém, essa magnífica avenida de bosques mortos não foi inaugurada, pois os vencedores não se decidiram a sair de Roma. Alguns dias depois, o rumor de uma visita real se espalhou pelo quartel-general. Uma princesa romana viria honrar com sua presença o confinamento do exército francês. O general-em-chefe não pôde ser mais cortês e cavaleiro a essa alteza e às damas de sua corte. Qual não foi o assombro dos simples soldados de infantaria do exército quando, após sua entrada em Roma, reconheceram, entre as empregadas da cidade, essas belas aristocratas que nada tinham de realeza a não ser sua beleza e, de nobres, os sentimentos que não faziam uso.

Enquanto isso, Garibaldi e sua tropa entraram em Roma; em muito pouco tempo e na presença do exército francês, espectador desinteressado, este audaz aventureiro veio a hostilizar os soldados do rei de Nápoles. Este fugiu com seu exército e, em

que pese sua artilharia e os artefatos de guerra, caiu de forma precipitada ante um punhado de homens⁴.

Aparte desse incidente, que perturbou por alguns instantes os arredores da cidade, o país permaneceu calmo e seguro. Alguns vagabundos isolados percorriam o campo, mas sem causar grande dano. Henri e Annibal não podiam perder-se em meio ao caminho sem nome, atravessando com seus bruscos ângulos os vinhedos e os hortos, pois o cume do Janicule, coroado pelo domo de Saint-Pierre fixava de maneira invariável a certeza de sua rota.

Depois de alguns dias, Annibal parecia resistir a propósitos secretos, que Henri queria executar. Este último reprovava a falta de amizade de seu amigo e a falta de confiança de seu irmão. No fim da tarde, Henri o pressionou de maneira vigorosa. O tenente o rechaçava.

- Bem, Annibal, então irei sozinho.

- Muito menos, Henri, de maneira nenhuma!

- Certamente terei a coragem da maior parte de nossos soldados, que já foram até lá por uma vã curiosidade.

- Mas somos oficiais e nossos uniformes nos delatarão em qualquer parte.

- Nos disfarçaremos! Annibal, esta é a última vez que te falo de meu projeto. Amanhã, ao amanhecer, irei sozinho.

- Mas, a quem buscas? – replicou o tenente, de forma inquisitiva.

- Se eu soubesse, não o buscaria mais. Já estaria vingado!

- Aí está, Henri: planejas com audácia, mas não posso deixar-te fazer isso sozinho, te ajudarei com toda minha coragem, partiremos juntos.

- Amanhã – disse apaixonadamente o jovem capitão. - As negociações

chegam a seu fim, a trégua terminará logo e será tarde demais.

- Amanhã entraremos em Roma – respondeu tristemente Annibal.

O general-em-chefe havia tomado, ao redor de Roma, posições importantes. O forte de Salo, ocupado por algumas tropas, assegurava as comunicações por terra com Civitavecchia, assim como o pequeno porto de Fiumicino, situado no Mediterrâneo, na desembocadura do Tibre, que havia sido custodiado pela Marinha.

No dia acordado, os dois jovens, disfarçados de camponeses, se apresentaram na fortaleza, acompanhados de Jean Taupin. Os romanos os receberam sem problemas. Escalaram a barricada levantada diante da porta Portese e, seguindo pelas ruas San Michelo e Santa Maria, chegaram ao meio do Transtevere, bairro construído sobre o Janicule e que ocupava toda a margem direita do Tibre. Esta é a parte mais curiosa de Roma, quanto aos monumentos, enquanto que a velha cidade que se encontra à esquerda do rio, mais vasta e arqueológica, é rica em ruínas e antiguidades.

Porém Henri não havia vindo admirar, e sim ver e reconhecer. Em seu caminho, olhava fixamente os romanos com uma insultante tenacidade, que poderia vir a chamar a atenção sobre ele e trazer-lhe problemas. Annibal seguia seu amigo sem dizer palavra, e Taupin os guiava. Os três franceses chegaram à praça Saint-Pierre. Henri, mais sombrio do que nunca, encarava cada transeunte. Devia estar louco para ter esperança de encontrar uma pessoa nesta grande cidade, mas nunca se disse que Henri não o estivesse. Caso contrário, o desespero já o teria matado. Sua busca resultou vã. Com passo rápido, desceu até o Tibre, passou diante do castelo Saint-Ange e marchou até o Corso. No momento em que chegou a essa bela rua, rodeada de palácios, onde foi alcançado por seus companheiros, achou-se em meio a uma grande concentração. Sem dúvidas,

⁴ Esta façanha é um exemplo dos golpes audaciosos de Garibaldi. Verne mostra mais adiante que será estendida e aumentada para levantar a moral dos sitiados. Em 1860, Garibaldi atacará novamente o reino de Nápoles e o ocupará.

um desses numerosos oradores romanos que contava algumas de suas proezas, com grande eloquência, em detrimento do exército francês. O jovem capitão ia continuar seu caminho e retomar o curso de suas ardentes investigações, quando gritos de uma mulher o detiveram subitamente. Era uma espécie de gemidos entrecortados de palavras sem continuação, de idéias sem coerência e que eram encobertas pelas vociferações da multidão.

- A louca! A francesa louca! – exclamavam os curiosos.

- O que dizem? – perguntou Annibal – por acaso é...

Porém, o tenente se calou quando seu amigo apertou-lhe a mão com raiva.

- O que foi? – disse.

- Vamos embora – respondeu Jean Taupin – um pouco de estilo chegou rápido a esse país.

- Henri, tu vens? – disse Annibal.

Henri não estava mais a seu lado.

- Henri! Henri! – gritou.

- Por aqui, meu tenente, por aqui – gritou Jean Taupin.

O soldado, tirando Annibal da multidão, mostrou-lhe uma jovem desgrenhada que descia pelo Corso com uma rapidez fantástica. Henri a seguia, mas cada vez mais lentamente, uma vez que parecia fraquejar a cada passo. Essa pobre mulher fazia largos movimentos com os braços e traçava as curvas mais intensas, enquanto se dirigia ao Capitólio.

- A louca! A francesa louca! – repetia e berrava a estúpida multidão.

- Agarre-se a Rocha Tarpéia – di-

ziam, sem dar um passo para socorrer a desgraçada.

E foi verdadeiramente de se temer que ela não se precipitasse daquele penhasco.

- Socorro! A mim! – gritou Henri, tentando inutilmente alcançá-la – É ela! Ela! Marie!

Seus dois companheiros seguiram seus passos e o alcançaram rapidamente. Entretanto, sem diminuir a rapidez fulminante de seu curso, a jovem já havia descido a escadaria do Capitólio, ou melhor dizendo, deslizou por ela como um fantasma. A cada passo, parecia matar-se. A multidão que enchia as ruas por todos os lados lhe abria passagem, supersticiosamente. Chegou ao fórum e deixou-se cair como uma morta sobre o capitel de uma coluna quebrada; mas, prontamente, ergueu-se como que inspirada:

- Maldita, maldita, maldita seja Roma! – disse – maldição à infâmia, de qualquer vestimenta com que se cubra e com qualquer nome que se chame!

Malditos sejam aqueles que me têm perdido! Deus me escolheu para ser o pretexto de sua cólera!

O povo a escutava, temeroso. Um homem aproximou-se.

- Para trás – disse – Esta mulher me pertence.

A pobre jovem desmaiou quando o viu. Este homem era Andreani!

Foi então que Henri e seus amigos chegaram.

- É ele! Ele! – gritou o desgraçado capitão e caiu com o braço atravessado por um estilete.

- Em retirada! – gritou Annibal. – A mim, Jean Taupin!

Grande e vigoroso, ergueu seu amigo e saiu com passos apressados. Quando estavam fora da cidade, Henri recobrou os sentidos, mas debilitado pela ferida e por suas emoções, necessitou da ajuda de alguns soldados para regressar ao campo.

Quando os dois oficiais chegaram a San Carlo, Jean Taupin já não estava com eles e, na manhã seguinte, a trégua havia sido rompida ●



Sonho de uma noite de 1848*

Jules Verne

Nesta edição do primeiro aniversário, Mundo Verne traz aos seus leitores uma carta especial que Verne escreveu a sua mãe em Julho de 1848 e que, pela sua importância, é rara na grande quantidade de cartas da correspondência verniana.

Paris, [domingo] 30 de Julho de 1848¹

Minha querida mãe:

Sou forçado (e dou graças a Deus por isso²) a colocar os seus receios sobre o paradeiro do irmão Paul na mesma categoria dos da empregada, quando me aconselhava a não ir a Provins, pelo facto de que as estradas estivessem lotadas de insurrectos. O espírito de uma mãe é assim! Analisando-se e estudando-se os seus componentes, como disse V. Hugo citando Rabelais, decompõe-se em nove partes exageradas, imaginárias e de uma pequena pobre parte de terrores razoáveis. E, minha querida mãe, as tuas nove partes de tormentos quiméricos desenvolvem-se de uma forma assustadora e triste ao mesmo tempo. Sei bem que ao escreveres-me sobre... as tuas angústias, serviste-te de boas precauções oratórias: "Se rejeito os teus argumentos e provas é apenas para certificar-te, por espírito de contradição que..., ao ler a

tua carta, pensarei como tu" E bem, minha querida mãe, admito que isso não é assim e antes de ter lido a carta do papá, que destruiu todos as tuas livres suposições, não havia sido capaz de adicionar qualquer crença baseada em todos os medos que te preocupam. De facto, tu sabes tão bem como eu que Paul tem um carácter de não se revoltar contra nada, pelo contrário. E é ele que não escreve, porque não há um capitão para o castigar, proibindo-o a escrever para a sua família. Em segundo lugar, se Paul não escreveu por Pinde, foi porque o Constant³ partiu três dias depois, em suma, se o capitão não fala é porque os capitães são todos assim. Edouard⁴ disse-me que o capitão Courtois, que comanda o *Nantaise*, o navio do seu pai, ainda que seja o homem mais doce, mais afável e que se interessa muito calorosamente pelo jovens que confiam nele, nunca dá notícias, apesar de todas as recomendações que lhe fazem. Pronto, há falta de diálogo. Um capitão de mar está no seu habitat natural, não se imagina que corre mais perigo ali do que estando em Terra e, portanto, acredita que não precisa de dar notícias suas e penso que, antes de escrever à sua família a dizer que está tudo bem, que o tempo está maravilhoso e que não há nada a reclamar, gostaria de saber se a sua família se encontra bem, que não tenha ocorrido tremores de terra e que a sua casa não tenha desmoronado. Isto é o que se deve interiorizar em relação ao assunto, a não ser que se queira passar a vida num suplício contínuo.

Sabes que na próxima quinta-feira, às oito horas, farei o meu temível exame. Será necessário procurar não nos privarmos da sabedoria para colocarmos a toga e a estupidez! É o quarto de hora de Rabelais e quando digo quarto de hora, são duas horas de picadas com alfinetes! Há professores que têm o maravilhoso talento de fazer-nos mentalmente ir ao quarto inferno cerca de seis vezes por minuto! Oh! Por que não morrem lutando pela defesa da ordem ou não são representantes do povo! Então aprendamos o Direito oito horas antes de passar no seu exame e se viva à mercê da Ciência do Direito, nessa tranquilidade ignorante, essa mediocridade dourada de que

* Tradução do francês para o espanhol por Ariel Pérez. Extraída do livro *Jules Verne*, escrito por Olivier Dumas e publicado pela La Manufacture, em Lyon, em 1988.

1 Esta longa carta é fundamental, pela sua forma literária, por vezes com acentos ao estilo de Victor Hugo, e noutros surrealistas. O texto que se segue reproduz fielmente o do jovem escritor, ortografia e pontuação incluídas, na medida em que os seus escritos possam ser lidos perante as censuras paternas. Esta transcrição, por vezes difícil, foi feita por Charles-Noël Martin que adicionou várias notas e, sobretudo, as impressionantes correcções que fez Pierre Verne. Agradecemos a biografia da sua preciosa colaboração; o seu trabalho permite em particular apreciar as pretensões artísticas do advogado que modificou, não sem condescendência, os efeitos do seu filho. Esta longa carta poética torna-se, desta forma, num único documento sobre o estado da alma do jovem de vinte anos que permite compreender melhor as relações iniciais de pai e filho no momento em que este último estava prestes a iniciar a sua longa carreira de escritor. Publicado no *Bolletín de la Société Jules Verne* número 78. Allotte de La Fuyé fala de forma imprecisa em algumas linhas (ADF, p. 26) da possibilidade de que esta carta seja atribuída ao casamento de Caroline, seguido nesse critério por Jean-Jules Verne que publica excertos desse «sonho funesto», confundindo também Hermine – que não conhecia na altura em que escreveu a sua biografia - com a prima Caroline cujo casamento tinha ocorrido um ano antes. É Charles-Noël Martin (BSJV n.º 28, 1973, pp. 79-86 e n.º 29-30, pp. 103-120), que restaura as histórias dos diferentes amores da juventude de Jules Verne e quem individualiza a descrição do sonho, citando-o quase de forma integral na sua segunda biografia, a que foi editada por Michel de l'Ormeriaie em 1978, pp. 34-35. A sua nova transcrição leva em consideração de forma muito cuidada o que é muito fácil de decifrar - as correcções que fez o pai. As inúmeras notas que se seguem mostram sistematicamente todas essas variantes comentadas

2 Jules Verne nunca deixa de exteriorizar o sentimento da extrema piedade tanto com o seu pai como com a sua mãe, cuja família mantém uma oração escrita pela sua mão, e colocada no seu livro da missa.

3 Este *Constant* coloca-nos um enigma. Na verdade, possuíamos os estados de serviço de Paul Verne e a lista exacta de todos os navios com que navegou e as datas das viagens. No entanto, de 23 de Dezembro de 1847 a 8 de Setembro de 1848, era um aprendiz de piloto no navio de três mastros *Regulus* de Nantes, que se dirigia à ilha Bourbon (actualmente a Ilha de Reunião). Na data desta carta, e tendo em conta os atrasos na viagem de um veleiro, o *Regulus* estava ainda na Reunião e a mãe se preocupava por não ter recebido notícias do seu filho por um navio que chegou das Índias: o *Constant*.

4 Trata-se certamente de Edouard Bonamy, com quem Jules Verne regressaria a Paris alguns meses depois para terminar os estudos de Direito. Edouard Bonamy tornou-se advogado em Nantes.

fala Horacio, essa indiferente indolência que nos deixou a partilha dos Deuses⁵! E, portanto, essas pessoas ignoram ou parecem ignorar que temos salvado a sociedade ameaçada até às suas fundações⁶, que temos nos batido nas sangrentas barricadas e que, se não temos sido condecorados, é porque a nossa modéstia está acima do facto de que nos poderíamos fazer alarde do cumprimento do nosso dever⁷. O papá recomenda-me fazer todo o possível para ter sucesso! Mas temo estar na posição aromática do laxante Sancho quando desatou o cinturão de seus calções e um perfume não conhecido veio fazer cócegas ao nervo olfactivo [sic] do Senhor Don Quixote de la Mancha! Felizmente, há lugares sem cheiro em Saint-Sulpice.

Ai! Minha querida mamã⁸, não é tudo rosas nesta vida e ainda que se façam brilhantes⁹ castelos em Espanha, ninguém os encontra, nem mesmo em seu país¹⁰! É verdade, então, que esse casamento se celebrou! *Consummatum est*, como o de St Louis¹¹, perdão se esqueço o latinismo e o anapesto co/o/o/o/o/oc de Ésquilo¹²

5 Estando no lugar de Pierre Verne, compreendemos perfeitamente, com a leitura destas linhas, que «entusiasmo» animava a seu filho em face dos estudos de Direito. Era claramente visível que aspirava a fazer outra coisa.

6 Trata-se dos dias insurreccionais de junho de 1848 em que o povo, frustrado pela Revolução de Fevereiro, se fez atropelar e massacrar pela burguesia que abria assim as portas ao segundo Império e a Napoleão III.

7 Estas linhas e outras em cartas desta época levam-nos a crer que Jules Verne simpatizava com a Revolução, um dos da geração de 48. Nada o comprova e podem-se interpretar perfeitamente estas linhas no sentido contrário. O que não constitui nenhuma dúvida, na minha opinião, é que Jules Verne se dirigia aos seus pais, burgueses de Nantes, no sentido dos opressores e os conservadores da «ordem». Não poderia ser de outra maneira.

8 Eis aqui o importante parágrafo que é necessário ler de forma especial.

9 Sente-se perfeitamente a cruel decepção sentimental que atingiu o jovem de 18-19 anos.

10 A fórmula é clara: acreditava em viver com Herminie Arnault-Grossetière - que tinha a sua idade - um idílio num tempo correspondido e um complô das famílias - tanto da parte da família da jovem como da família de Verne - afastou essa possibilidade. Jules Verne era muito jovem e não tinha, sobretudo, plenamente consciência da situação.

11 Este parágrafo deve ser analisado com mais profundidade. Aparecem algumas coisas interessantes. Confirma-se aqui que esta carta, e esse pretendido “sonho” vinham anunciar, alguns dias antes, o casamento de sua amada a quem havia dedicado muitos poemas. Nós podemos perguntar o que significa, neste contexto, a expressão «Saint Louis», pois trata-se, na verdade, de São João que o Evangelho cita, efectivamente, no Capítulo XIX, versículo 30, sobre as últimas palavras de Cristo na cruz: *Consummatum est*, que se traduz em «Tudo está consumado». Independentemente do facto de Jules Verne ter cometido -aqui também- um erro ortográfico em latim (*Consummatum* vez de *Consummatum*) deve-se destacar que o jogo de palavras que parece querer fazer sobre a «consumação» do matrimónio e a execução de Cristo é de muito mau gosto nesta circunstância.

12 Ésquilo (Elesius, 525 a.C. - Gela, 456 a.C.), dramaturgo grego. Antecessor de Sófocles e Eurípedes, é considerado o criador da tra-

estaria à altura da circunstância¹³.

De resto, Morfeu uma noite abriu-me a porta de marfim e um sonho funesto sacudiu suas asas de morcego, com as suas garras curvadas sobre as minhas pesadas pálpebras. Um sonho? Devo preocupar-me com um sonho?

A noite avançava! Venus piscava amorosamente na esfera celeste e descia das estrelas essa clara palidez da que falou Cid.

E a alvorada doce e pálida, esperando a sua hora parecia - toda a noite - vaguear pelo céu!

Os salões esplendidamente iluminados de velas de 35 sóis a libra resplandeciam alegria e luz! O que causou essa festa? Alguma troca inesperada que havia restaurado a confiança no seio da crise política? A partida do Sr. Cabet, com o ar de «boa viagem Sr. Dumolet» no momento em que ponha o seu pé no globo sete vezes abençoado que devia levá-lo com a sua colónia até às regiões celestes? A cantina que tinham restabelecido na Câmara dos Deputados depois daquela memorável reunião onde, com 30 graus de calor, 850 deputados pediram a palavra com o propósito de ir beber um copo de água com açúcar à tribuna e regressaram ao seu lugar sem dizer nada? O Sr. Proudhon, esse admirável pensador, que por meio de uma hábil manobra, teria deixado de dizer que a propriedade é um roubo para proclamar que o roubo constitui a propriedade? A celebração da nomeação do novo inspetor de teatro por 10,000 francos por ano, esse homem de mármore que com apenas

gédia grega. Nascido em Elefsina, Ática, local onde se celebram os mistérios de Éleusis. Pertencia a uma nobre e rica família de proprietários de terras. Na sua juventude assistiu ao final da tirania dos Pisis-trátidas em Atenas. (N. do T.)

13 Em relação a «anapesto», isto fez com que muitos vernianos passassem a noite em branco a estudar esta carta ao pormenor. Na minha opinião, é necessário ir ao início e à educação escolar que recebeu na área das Humanidades, principalmente quando estava com os irmãos do Seminário, até aos 16 anos. Ésquilo é, sem dúvida, um dos três grandes poetas trágicos da Grécia e renovou toda a arte do teatro e a prosódia. No entanto, no século XIX, estudavam-se as versificações gregas e latinas de uma forma que ninguém imagina, escreveram-se dezenas de grandes tratados sobre o tema. Distinguem-se os versos anapésticos «manômetros» e «dimetros», que têm dois ou quatro pés. O anapéstico dimetro cataléptico, de três pés e meio e anapéstico tetrametro cataléptico de sete pés que é chamado também aristofaniano. É este principalmente o que cita o jovem, baseado nas suas lembranças escolares, com o seu co/o/o/o/o/oc que tem sete «O» (digamos «pés») e o «C», inicial e o «C» final que contam por metade. Afirmar que tudo está claro neste parágrafo é uma imprudência, este não é o caso e provavelmente nunca será, pois duvido de que Jules Verne estivesse no seu estado normal e com a mente clara quando escreveu estas linhas. Ou tinha recebido um violento golpe emocional ou tinha (uma coisa não exclui a outra, pelo contrário) bebido uns copos antes de escrever, ou então, tinha esvaziado uma garrafa à medida que... o que explicaria bem as coisas, especialmente o começo mais razoável, depois do desenvolvimento de uma loucura cada vez mais evidente, com o seu fim incoerente e hilariante: «Ficarei contente ao matar o tosco gato no primeiro reencontro» que nos faz entender que Herminie devia ter um gato de que gostava muito!

um piscar de olhos faz entrar nas panturrilhas das bailarinas os tão agitados saltos no ar e que com um gesto confunde o discurso... não sei o que sabia o instituto, com as pernas prestes a passar o horizonte de moralidade? Não! Estes guerreiros são ingleses que vão ver a morte de um famoso! [sic]

Um jovem casal preparava-se para fazer no altar um nó capaz de resistir ao corte do divórcio mais afiado. Ambos eram lindos e de acordo com a palavra de J.-Jacques, os seus corpos foram feitos para albergarem suas almas¹⁴! A noiva estava vestida de branco, graciosa, símbolo da alma simples do seu noivo¹⁵; ele estava vestido de negro, mística alusão à cor da alma de sua noiva¹⁶!

E, por conseguinte, os salões esplendidamente iluminados de velas de 35 sóis a libra resplandeciam alegria e luz!

E fora, um homem com cotovelos esfolados¹⁷, de barba negra, de um só olho¹⁸, presumido herdeiro para a transmissão das cores e formas¹⁹, em tinta vermelha, com a perna finamente trabalhada e ornamentada²⁰, afiava os seus dentes na batente da porta.

E os convidados estavam, nesta situação, tranquilos e doces, apenas interrompidos²¹ pelos suculentos soluços de uma digestão que se começava a fabricar²². As taças chocavam entre si e nas suas inumeráveis facetas de cristal [sic] refletiam os olhos inflamados de luz das velas a 35

14 A partir daqui -e isto confirmará o que se acaba de expressar- a intervenção de Pierre Verne é premente: palavras e até linhas inteiras riscadas e substituídas pelo que o digno advogado pensava conforme os bons costumes e o bom gosto. Aqui se corrige uma falha em francês ao suprimir os «s» que Jules Verne tinha posto e a frase converte-se em «os seus corpos foram feitos para albergar a sua alma».

15 Isto é uma correcção do próprio Jules Verne que tinha começado a escrever «marido» e tinha posto, por cima, «noivo», conforme o fim do parágrafo onde escreve igualmente «noiva». Convém notar a contradição -de conteúdo claramente psicanalítico- entre o que afirma que descrevia uma festa pós-matrimonial, portanto, já eram marido e mulher, todavia, continua qualificando-os como noivo e noiva, como se ainda não aceitasse os factos.

16 Segundo ele, e é provável que tenha tido razão. Herminie foi casada com seu pesar, mas este tema regressa mais tarde no prosseguimento da carta.

17 É o pai, que acrescenta o «x» que Jules Verne esqueceu.

18 O pai tinha começado a corrigir «apenas» por «único» de maneira que só tinha escrito as duas primeiras letras sem censura.

19 O pai modificou o fim da frase, transformando-a desta maneira: «...de um só olho e único herdeiro de [ilegível] a luz e a tinta vermelha...».

20 A expressão original é «guilochée», que é um adjectivo formado a partir da palavra francesa «guilochis» que significa: «ornamento constituído de linhas de traços ondedados que se entrelaçam ou se cruzam com simetria». Portanto, optou-se por traduzir a frase numa só palavra e dar esta explicação sobre a sua ideia e completo significado (N. do T.)

21 A correcção do pai é mal feita e deixa a frase «interrompido apenas [por] os suculentos soluços de uma digestão nascente».

22 Difícil de ler pelas eliminações paternas.

sóis a libra. E o jovem casal apertado²³ um ao outro, sorriam, e falavam baixo. Podia-se dizer que eram dois belos pássaros testando as suas trêmulas asas para voar até às regiões do amor! E o bom pai contava piadas picantes à mãe do noivo, e esta sorria e beliscava-lhe o joelho²⁴! E a mãe da noiva falava ao seu genro como a dama Aloyse de Gondelaurier em Nossa Senhora de Paris: Já viu uma figura mais afável e engraçada que a de seu sogro? Não estão por acaso estas mãos consumadas? E esse pescoço ali, não parece ter todas as formas de um cisne? Eu invejo-o por momentos! E como está orgulhoso de ser homem, o vilão malvado que é! E o jovem respondia com um desses sorrisos que apenas tem ortografia no céu.

E ainda os salões esplendidamente iluminados de velas de 35 sóis a libra resplandeciam alegria e luz! E fora, um homem com cotovelos esfolados que afiava os seus dentes no batente da porta!

Nesse momento o noivo levantou-se e com um tom patético como num quinto acto, suspirou²⁵:

Oh, os teus olhos gravaram-se no meu coração
Como um tambor, escandaloso²⁶ charlatão,
Oh²⁷! Cuidado que²⁸ confiar muito na tua vitória
pode fazer que se quebre²⁹ a sua pele de asno

E quisera eu, porque o meu amor é tão grande
Que os teus olhos sem medo possam
palpitar sem cessar
Nesses dias sem fim, e sabes que é assim
Neles há um tesouro infinito.

E como não tenho um coração tão forte
Quem possa resistir, ultrajante charlatão
Cuidado que confiar muito na tua vitória³⁰
pode fazer que se quebre a sua pele de asno.

E os aplausos ressoaram e na embriaguez causada por esta brilhante poesia várias taças se quebraram ao compasso de um áspero ruído. A noiva estava fria, como se uma estranha ideia de antigos amores passasse por ela³¹.

23 O pai riscou raivosamente a palavra até deixá-la indecifrável.

24 O pai remove o 'x' que o seu filho escreve.

25 O pai acrescenta a «suspirou» as seguintes palavras: «Esta queixa amorosa e rimada».

26 O pai tentou transformar a palavra «escandaloso» em «brilhante»

27 O pai riscou «Oh!».

28 O pai acrescenta «que» para fazer «que confiar».

29 O pai que escreveu o «que» anterior, eliminou o «que» de «que se quebre»

30 O pai transformou o «s» de «sua» em «t» para dar lugar a «tua».

31 Aqui intervém uma modificação paternal carregada de significado, pois Jules Verne deixou voar a imaginação. Segundo ele, a casada, Herminie, na ocorrência, deixa o seu passado amoroso com

Gradualmente os convidados esgotaram-se como o murmúrio, a câmara nupcial abriu-se perante o casal a tremer e as alegrias do Céu encheram³² o coração dos noivos.

No entanto, as velas de 36³³ sóis a libra apagaram-se nos seus viscosos candelabros e uma fumaça acre e penetrante deixava os salões vazios de alegria e luz³⁴. E o pai da mulher a quem a mãe do marido havia beliscado o joelho³⁵, tinha uma marca negra que ainda mostra aos viajantes que vêm visitá-lo³⁶.

Pela manhã seguinte os amigos do jovem surpreenderam-no na notável paragem de Turenne e aqueles que leram Nossa Senhora de Paris diziam com sotaque³⁷ de Jehan Frollo: Capitão Phoebus de Chateaupers, você é um feliz gendarme! E toda a noite, toda a negra noite, um homem com cotovelos esfolados afiava os seus dentes no batente da porta!

Ah, minha querida mãe, com esta espantosa ideia, acordei sobressaltado e a tua carta fez-me saber que o meu sonho era uma realidade. Quantas desgraças antecipei! Pobre jovem, mas sempre direi: Perdoa-a, Senhor, ela não sabe o que faz³⁸.

Jules Verne. Em primeira instância, corrigiu o género de «amor» e levou para o plural o que o seu filho tinha deixado no masculino, também acrescentou «antigo amor» e a frase tornou-se: «...e como uma estranha lembrança de antigos amores atravessaram a sua alma agitada».

32 O pai riscou «encheram» para substituir por «inundaram».

33 Não há dúvida, os «35 sóis» transformaram-se em 36

34 O pai acrescentou «depois».

35 A mesma correcção paternal que removeu o «x» de «joelho»

36 O pai modificou a frase da seguinte maneira: «...um ponto negro que ainda exhibe aos turistas curiosos das coisas raras e antigas».

37 Aqui é o próprio Jules Verne que começa «mil» que qualifica a palavra «sotaque» mas risca-a antes de terminá-la.

38 Depois de São João, é de São Lucas que extrai uma citação dos Evangelhos no seu capítulo XXIII, versículo 34 onde Jesus diz: «Per-

do a mim, irei me consolar em matar o toscato gato no primeiro reencontro! Partirei na quinta-feira à tarde com Charles³⁹ para Provins, onde ficarei dois ou três dias. ADeus⁴⁰ minha querida mãe, e aqui estão alguns disparates, mas desta vez, era necessário que o meu coração transbordasse. Havia uma necessidade que o papel preservasse a lembrança desta cerimónia fúnebre⁴¹ de forma que um dia pudesse dizer: *Exégi monumentum*⁴². Diz ao pai que o abraço, assim como às pequenas e à família, e isto é tudo o que quero dizer.

Teu filho que te beija

J. Verne

doalhes, ó Pai, pois eles não sabem o que fazem».

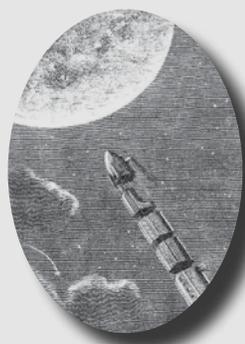
39 Charles Maisonneuve, o amigo de infância.

40 O «ADeus» com o «D» maiúsculo vale o seu peso em ouro porque frequentemente é encontrado na correspondência entre os dezasseis e vinte anos provando que Verne ainda tinha vestígios da educação religiosa recebida pelos irmãos do Seminário, pois, a palavra Deus não pode ter a sua inicial em minúscula!

41 É também interessante notar que Jules Verne alcançou o que tinha querido fazer, pois estas linhas ficaram reflectidas para a posteridade e nos ajudam a revelar os mistérios que ainda esconde a sua juventude.

42 *Exegi* (e não *Exégi*) *monumentum aere perennius* é o primeiro verso do trigésimo e último hino do terceiro livro de hinos de Horácio e significa «Ergui um monumento mais durável que o bronze.» Um último comentário geral é que a estrutura e o próprio conteúdo desta carta não se repetem jamais na correspondência de Jules Verne, ao dar testemunho, portanto, de uma febre secreta do futuro escritor, como *Le Docteur Ox* e sobretudo *Fritt-Flacc* são, igualmente, de inspiração claramente oníricas. O jovem deu aqui livre curso à sua inspiração de romântico tardio mas enfrentando o classicismo e tradicionalismo –digamos também rigor– do seu pai. Esta franqueza e essas sinceras revelações só duraram alguns meses nas suas cartas, tendo apenas um tom divertido nas que dirigia à sua mãe que contrastava com as que enviava ao seu pai que não passavam de uma fria enumeração e considerações, sem qualquer calor, e isto é terrivelmente lamentável.

No próximo número de Dezembro, o número 8 de *Mundo Verne*, poderá-se ler



Destacamos

A Ciência na literatura lunar verniana
Pasqual Bernat

Uma análise sobre a presença dos avanços científico-técnicos nas obras lunares do escritor.

Outros temas de interesse

- Cristian Tello contribuirá com uma nova análise de uma viagem extraordinária, neste caso a obra *Norte contra Sul*.
- *Mundo Verne* estará à fala com Volker Dehs, um dos especialistas vernianos mais conotados, que nos falará do seu trabalho em torno do escritor e dos seus projectos futuros.
- A relação entre Verne e o seu país será abordada pelo peruano Cristian.
- Um novo capítulo de *O cerco a Roma*.

Mundo Verne